

## Editorial

### UMA COMUNICAÇÃO SINGULAR — PARA ONDE VAI O GOVERNO DO PS?

Na última quinta-feira à noite o Primeiro-Ministro fez a sua anunciada "comunicação" televisiva sobre a situação económica e social do País.

A forma como abordou tão delicada matéria e o seu ângulo de visão dos problemas suscitaram compreensivelmente o alarme e os protestos de largos sectores de população, em particular dos trabalhadores.

O dr. Mário Soares passou em revista as causas da crise actual começando justamente por assinalar como razão original a herança do fascismo. Isto é verdade.

(Continua na pág. 2)

# UMA POLÍTICA ECONÓMICA QUE NÃO DEFENDE OS INTERESSES DAS CLASSES TRABALHADORAS

O aspecto mais preocupante das palavras do Primeiro-Ministro é a clara ameaça às conquistas fundamentais da revolução.

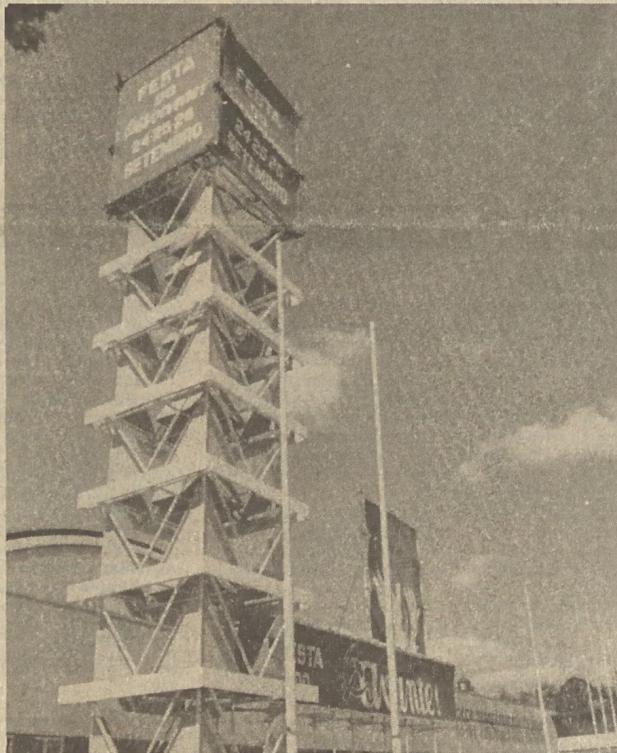
Pág. 3

# A FESTA DO «AVANTE!» É JÁ UM ÊXITO!

A grande campanha de propaganda e divulgação desenvolvida em vários pontos do país, a mobilização de camaradas e amigos do Partido, o interesse manifestado em amplos sectores — asseguram desde já que a Festa do "Avante!" será um êxito



- Neste número continuamos a divulgação dos artistas que estarão na FIL. Mas ainda há mais...
- Na próxima semana será posta à venda uma separata do "Avante!", em formato de revista, contendo o programa completo, mapa da FIL, biografia dos artistas e horário da sua actuação e todas as outras informações destinadas ao público. Será um verdadeiro guia da Festa, de utilização imprescindível.



## A ORDEM DE LÉNINE PARA LUÍS CORVALÁN

O secretário-geral do Partido Comunista do Chile, camarada Luís Corvalán, completou 60 anos na prisão. Mas o seu aniversário não podia ser esquecido. Entre as provas de solidariedade que ele e o seu Partido receberam de todo o Mundo, sobressai a Ordem de Lenine, com que a União Soviética condecorou o revolucionário e o patriota chileno, vítima da violência fas-

cista que há três anos assola o seu país. A mais alta condecoração da URSS foi enviada com uma mensagem do camarada Leonidas Brejnev, secretário-geral do PCUS. É uma mensagem de saudação onde se reafirma que, para além dos méritos que a Ordem normalmente contempla, manifesta também a «admiração pela coragem revolucionária» do

combatente pela libertação do seu povo de que o camarada Luís Corvalán deu provas bem conhecidas durante toda a sua vida. O PCP, através do seu Comité Central, associou-se às manifestações de solidariedade por ocasião dos 60 anos do camarada Luís Corvalán, enviando uma mensagem que publicamos integralmente na página 10.

## ÁLVARO CUNHAL NA UNIÃO SOVIÉTICA E NA BULGÁRIA

A convite do camarada T. Jhivkov, primeiro-secretário do Partido Comunista da Bulgária, o camarada Álvaro Cunhal permaneceu recentemente durante alguns dias naquele país. No decorrer da sua estadia, o secretário-geral do PCP teve um encontro formal com o camarada Jhivkov e com todos os membros do Bureau Político do PCB, o qual decorreu no ambiente amistoso e fraterno que sempre caracterizou as relações entre os dois Partidos.

No seu regresso a Sofia, o camarada Álvaro Cunhal teve um encontro em Moscovo com o camarada M.A. Souslov, membro do Bureau Político e secretário do Comité Central do PCUS. Durante as conversações, que se desenrolaram em tom de grande amizade e cordialidade, e em que também participou o Primeiro Subchefe da Secção Internacional do CC do PCUS, o camarada V. Gladin, procedeu-se a uma troca de opiniões sobre os principais problemas políticos da actualidade internacional e do Movimento Comunista Internacional. Deste encontro saiu mais uma vez confirmada a unidade de pontos de vista e a solidariedade fraterna entre o PCUS e o PCP.

## 500 TONELADAS DE SOLIDARIEDADE DO POVO SOVIÉTICO

As próximas sementeiras serão já realizadas, em muitas zonas, com os trabalhadores portugueses manejando as máquinas que a solidariedade do campo socialista, nomeadamente da União Soviética, Pátria do Socialismo, oferece à Reforma Agrária numa extraordinária demonstração de amizade e apoio ao nosso Povo e à sua luta pela democracia e pela independência.

Na hora em que o nosso jornal chega às mãos de camaradas e amigos, processa-se no Cais de Alcântara o descarregamento do maior conjunto de material técnico agrícola até agora oferecido à Reforma Agrária. Da URSS, do povo

soviético que conheceu, também, as dificuldades de consolidação da democracia e agora é o grande baluarte da paz e do desenvolvimento, chegam ao nosso País para tornar os campos mais férteis as colheitas mais vastas, o País menos dependente, para consolidar a Reforma Agrária, para impulsionar o caminho do Povo português para uma vida melhor, para a vitória da democracia rumo ao Socialismo.

46 tractores de diversos tipos; 48 charruas; 30 reboques para tractores; 10 grades de discos; 27 sementeiras de cereais; 5 cilindros; 5 buldozers; 4 escavadoras e 250 sacos de sementes seleccionadas de Outono.

contendo um total de 12.625 kg, além de muitas caixas com acessórios para as diversas máquinas.

Em resumo: 500 toneladas de material para a Reforma Agrária em 500 volumes.

Este o tipo de «imperialismo» da URSS: o auxílio, sem condições nem reservas, aos povos que encetam decididamente a luta contra o imperialismo e pela democracia. O único objectivo do povo soviético é o mesmo de todos os povos socialistas, do movimento operário internacional, das forças amantes da paz. O seu objectivo é o nosso: a vitória da Reforma Agrária, a vitória da democracia em Portugal.

Editorial

UMA COMUNICAÇÃO SINGULAR — PARA ONDE VAI O GOVERNO DO PS?

(Continuação da pág. 1)

Foi pena que o Primeiro-Ministro não se tivesse, porém, alargado um pouco mais sobre essa causa original, em vez de se ficar pela fórmula vaga e ambígua do "capitalismo parasitário" e da "descolonização feita com vinte anos de atraso".

O aprofundamento daquela "herança do fascismo" poria certamente a nu o papel odioso dos monopólios na distorção da economia portuguesa e no atraso económico e social do nosso País, ao mesmo tempo que revelaria o entrelaçamento de interesses do grande capital português e estrangeiro na brutal exploração dos povos coloniais — aprofundamento que não deixaria, talvez, de ser incómodo para o Primeiro-Ministro.

Depois de enunciar a causa original da crise, o dr. Mário Soares cai sem transição sobre os trabalhadores portugueses. Culpando-os dos males actuais, anuncia descarregar sobre eles um peso injusto dos encargos da crise e ameaça-os com a repressão se não aceitarem passivamente essa carga.

A expressão dura e acusadora do Primeiro-Ministro foi concludente para quem o viu e ouviu.

Mas sobre o boicote e a sabotagem económica organizada por monopolistas e financeiros contra a revolução portuguesa, sobre o estrangulamento da nossa economia, congeminado pelo imperialismo — grande responsável pelas dificuldades actuais do nosso País — não disse o Primeiro-Ministro uma palavra.

Milhões de contos em notas, ouro e divisas foram levados ilegalmente para o estrangeiro; à fuga de capitais, verdadeiro desinvestimento, adicionou-se a paragem quase total dos investimentos, a supressão de encomendas, o protelamento indefinido de pagamentos, a desorganização muito bem "organizada" da nossa produção e do comércio externo e ainda falências — reais algumas, fictícias muitas — que provocaram o aumento do desemprego e foram uma causa directa de agravamento da crise. E sobre tudo isto nem uma palavra!

Acusa o dr. Mário Soares os trabalhadores portugueses pelos desarranjos da produção, mas nem uma palavra ainda para aqueles trabalhadores, que enfrentando terríveis dificuldades e provações, contra as delapidações e roubos do patronato, pegaram em centenas de empresas insolventes, levantaram-nas da ruína e da insolvência, garantiram postos de trabalho e puseram à prova dotes desconhecidos de direcção técnica e gestão empresarial ao serviço dos trabalhadores e da economia nacional.

O Primeiro-Ministro tocou alguns pontos essenciais formalmente verídicos. Sim, o trabalho vale mais que o ouro; a elevação da produção e da produtividade é uma exigência absoluta de todo o progresso económico nacional; o absentismo e as reinvindicações irrealistas são lesivas do processo produtivo, etc.

Mas todas estas considerações enfermam de uma perspectiva de classe que aponta à recuperação capitalista. Nelas está implícita, e em alguns casos explícita, a condenação das nacionalizações, o endossamento do capital privado e da iniciativa privada definem-se melhor as suas ideias de "coexistência concorrencial" entre o sector público e o privado em que, com o apoio preferencial do Governo em créditos e facilidades fiscais, a par da "domesticação" dos sindicatos, o sector privado levaria forçosamente a melhor.

O dr. Mário Soares fala na "fúria reivindicativa", instigada "por certos partidos que exploram as legítimas aspirações dos trabalhadores com objectivos partidários evidentes". A que partidos se referirá?

Um dia se fará a história das "fúrias reivindicativas" e das "reinvindicações irrealistas" e ver-se-á ao serviço de que objectivos partidários elas se verificaram.

É certamente nessa perspectiva de classe da

recuperação capitalista que o Primeiro-Ministro encara critérios repressivos contra a "agitação social larvar" destinada, segundo ele, "a experimentar a força do Governo". A anunciada revisão da lei da greve enquadrar-se-ia neste critério.

As medidas de austeridade anunciadas pelo dr. Mário Soares agravarão sensivelmente a situação das classes trabalhadoras e, por outro lado, são imprecisas ou omissas quanto às classes privilegiadas. Há encargos directos e outros indirectos que pesarão nas condições de vida dos trabalhadores e das outras camadas mais amplas do povo e que afectarão muito pouco as classes possuidoras.

A introdução do pagamento do 13.º mês em papéis do tesouro, para além dos cinco contos pagos em dinheiro, quando se conhecem as opiniões do secretário-geral do PS quanto ao pagamento de indemnizações aos capitalistas expropriados — que não são referidas na sua "comunicação ao País" — é uma medida que afectará muitos milhares de trabalhadores insuficientemente remunerados.

Contudo, a parte mais preocupante das palavras do Primeiro-Ministro são as que representam uma clara ameaça às conquistas fundamentais da revolução.

A par das referências significativas aos prejuízos com as empresas nacionalizadas e à publicação de um estatuto para as empresas que chama de "intervencionadas" — 220, diz o Primeiro-Ministro — o que diz quanto à Reforma Agrária é elucidativo e preocupante.

A maneira deformada como apresenta a Reforma Agrária, profetizando para o Alentejo o "colapso económico com consequências graves para o País e sobretudo para os trabalhadores rurais" — quando se conhecem os êxitos clamorosos das Unidades Colectivas de Produção no aumento da produção agro-pecuária e na diversificação de culturas nas velhas zonas do latifúndio, dos grandes incultos e da monocultura — a par do propósito anunciado de executar a desocupação de 101 herdades ocupadas por assalariados agrícolas e pequenos e médios agricultores do Alentejo são factos realmente preocupantes.

Os sindicatos agrícolas das zonas de intervenção da Reforma Agrária já se pronunciaram publicamente contra as medidas anunciadas pelo Chefe do Governo e ontem foram recebidos por ele para lhe transmitirem de viva voz as suas preocupações. Os cooperantes da Reforma Agrária, apoiados pelos trabalhadores de todo o País, têm e terão aí uma palavra a dizer e conquistas fundamentais a defender.

As declarações desprimorosas e falhas de verdade do dr. Mário Soares para com os obreiros da Reforma Agrária, foram de certo modo desmentidas dias depois pelo Ministro Lopes Cardoso, que tem dos êxitos dos trabalhadores do Alentejo e dos seus problemas e aspirações uma ideia mais verificada e realista. Mesmo assim, tais declarações, pela hostilidade que denotam da parte do Primeiro-Ministro contra essa grande conquista da revolução e os seus obreiros, indicam uma política preocupante que o seu chamado Governo Constitucional projecta levar à prática.

Não deixam de ser igualmente significativas as palavras do Primeiro-Ministro quanto ao seu Governo. "Não há na presente conjuntura — diz ele — alternativa para o actual Governo". É clara a alusão: ou Governo PS sozinho, ou Governo de direita. Na hipótese de um fracasso da política do seu Governo o dr. Mário Soares não vê sequer outra alternativa senão uma fórmula de direita.

A outra, de esquerda, resultante de uma necessária aliança entre comunistas e socialistas, juntamente com outros democratas e militares progressistas que obterá uma substancial maioria na Assembleia da República, nem sequer aflora nas suas previsões.

Por tudo isto insistimos na pergunta: Para onde vai o PS?

A MORTE DE MAO TSÉ-TUNG

Mao Tse-Tung morreu. Trata-se de um acontecimento susceptível de repercussões profundas na vida de um grande país e de um grande povo que é o mais numeroso da Terra — a China.

Quando um acontecimento desta ordem se produz num país de mais de 700 milhões de habitantes e quando o seu povo, numa conjuntura internacional favorável, se libertou da tutela imperialista por meio de uma revolução que na altura do seu triunfo alterou decisivamente a correlação de forças no mundo, a sua importância transcende as fronteiras próprias e projecta-se para além delas. Mao Tse-Tung foi o dirigente máximo dessa revolução e durante largos anos desempenhou uma acção destacada e positiva na direcção da luta heróica dos comunistas chineses contra a opressão feudal e o imperialismo.

Já nesse período são detectáveis na sua actividade e no seu trabalho teórico os embriões de erros e desvios que mais tarde viriam a caracterizar o maioismo até aos nossos dias.

Mas o seu papel na revolução chinesa e na criação da República Popular da China assim como a sua contribuição para o enriquecimento do marxismo-leninismo não podem ser diminuídos.

Porém, a partir dos fins da década de 50 Mao Tse-Tung enveredou abertamente pelo nacionalismo a coberto de uma fraseologia ultra-revolucionária. O subjectivismo começou a impregnar a sua actividade e as suas ideias, o chauvinismo de grande potência, sob a falsa capa de um país pobre em vias de desenvolvimento, começou a ganhar o Partido Comunista da China e desenvolveu-se o culto da personalidade de Mao em formas que atingiram as raias da divinização.

Mao Tse-Tung foi então erigido em amo e senhor da revolução chinesa e os fanáticos do maioismo transformaram-no em princípio e fim do mundo.

Nenhum homem faz a história do seu povo e do seu país e ainda menos do seu tempo. Os grandes obreiros, numa dada época da Humanidade, só o foram porque souberam compreender e interpretar de maneira superior as leis do desenvolvimento histórico e porque plenamente identificados com as grandes aspirações populares souberam integrar-se na portentosa torrente humana sem a qual nenhuma transformação revolucionária é possível.

Os fanáticos maioistas alcançaram o maioismo em ciência absoluta e puseram Mao Tse-Tung na linha dos mestres revolucionários, Marx, Engels e Lenine.

E entretanto o maioismo tornou-se a antítese do marxismo-leninismo.

A autópsia do dogma maioista já começou há alguns anos e aproxima-se a hora do diagnóstico concludente: o maioismo na sua última fase não foi uma teoria revolucionária mas uma prática profundamente lesiva da revolução.

Erigido em ciência da revolução o maioismo está na raiz de trágicos reveses das forças revolucionárias.

A história mostrará um dia que o banho de sangue da Indonésia e a liquidação da revolução congoleza de Patricio Lumumba foram uma prática suicida, impulsionada pelo aventureirismo maioista. O apoio ao separatismo do Biafra, soprado pelo imperialismo sedento do petróleo nigeriano, e a ajuda aos senhores feudais do Paquistão contra os patriotas de Bangladesh; o quase abandono do heróico povo vietnamita; as intrigas no Próximo e Médio Oriente, poderoso incentivo à ofensiva do imperialismo contra os povos árabes; a repugnante ajuda política, económica e financeira ao odioso regime de Pinochet, no Chile; as achas atiradas à fogueira da guerra fria com os incentivos à política anti-soviética do imperialismo americano na Europa; os ataques à política de desanuviamento e à Conferência de Segurança e Cooperação Europeia; os apelos ao reforço da NATO e do Mercado Comum, a participação na conspiração internacional contra os países socialistas em geral e a União Soviética em particular; as manobras e atentados divisionistas contra o movimento operário internacional. Nós, portugueses, não ficámos ilenos das intrigas e do expansionismo maioista. Nem nós nem os povos dos novos países africanos de expressão portuguesa.

O MAOISMO, A REVOLUÇÃO PORTUGUESA E A LUTA DOS POVOS DAS EX-COLÓNIAS PORTUGUESAS

O maioismo não escondeu desde o início a sua antipatia pela revolução portuguesa. Não agradava aos dirigentes maioistas a existência, neste extremo da Europa, de um país democrático empenhado num processo revolucionário original, apontando ao socialismo.

Não agradava aos maioistas a conjugação da revolução

democrática em Portugal com a luta libertadora dos povos de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau contra o colonialismo português e o influxo revolucionário saído dessa feliz conjugação da História.

Em Portugal os maioistas animaram os grupelhos neonazis do MRPP e da AOC/PC de P (ml) e a nova força de choque da burguesia contra a unidade do movimento operário português — a UDP/PCP(r). Simultaneamente, os maioistas reforçam as suas ligações com os partidos da direita reacçãoária — o PPD e o CDS. Todos estes grupos e partidos formam o largo leque do anticomunismo em Portugal. Através das suas estranhas amizades a nível oficial atizam o anti-sovietismo, alimentam a guerra fria, servem objectivamente os interesses dos grandes monopólios e do seu aparelho de submissão dos povos — o imperialismo.

A China de Mao Tse-Tung negou-se sistematicamente a estabelecer relações diplomáticas com o Portugal antifascista e anticolonialista da revolução de Abril.

Agora que a reacção levanta cabeça e aumenta de arrogância contra as forças progressistas, agora que os dirigentes chineses julgam criadas as condições para um "pinochetazo", começam a acenar aos reacçãoários do PPD e do CDS e aos elementos da direita do PS com a «dívida» do seu reconhecimento diplomático.

Nas condições actuais da revolução portuguesa os tagatés dos dirigentes chineses com os adeptos de Spínola, de Sá Carneiro e Freitas do Amaral, e a estranha defesa que os adeptos do PPD e do CDS fazem das belezas do "comunismo chinês" servem objectivamente os interesses da reacção e os seus esforços para a recuperação capitalista em Portugal.

O maioismo tentou por todos os meios socavar os movimentos de libertação dos povos de Angola, Moçambique e Guiné. A China de Mao Tse-Tung ajudou com largas somas, armas e conselheiros militares, as forças mercenárias que, a soldo do imperialismo e do neocolonialismo, praticaram as maiores atrocidades contra os patriotas angolanos dirigidos pelo único movimento realmente libertador e revolucionário de Angola — o MPLA.

Na sua cruzada ao lado dos imperialistas americanos e dos racistas da África do Sul, os maioistas tentaram impedir a libertação do povo angolano das algemas imperialistas. Nesta cruzada arrastam os seus marionetes portugueses da UDP/PCP(r), cujos sentimentos contra a República Popular de Angola são conhecidos.

Em Moçambique foram durante largos anos o sustentáculo da COREMO contra a FRELIMO e hoje com o seu encorajamento as forças racistas na África Austral alimentam as provocações e as incursões armadas dos mercenários de Ian Smith contra a República Popular de Moçambique.

Aliás, os dirigentes chineses favorecem abertamente o regime racista imperante na África do Sul, ajudando os traidores ao serviço do imperialismo que se denominam Congresso Africano contra os patriotas do Congresso Nacional Africano, apoiam na Namíbia a SWANU, ao serviço de Vorster e atacam a SWAPO que representa a verdadeira expressão organizada do movimento libertador do povo da Namíbia.

O PROCESSO DO MAOISMO ESTÁ AINDA POR FAZER

No plano interno os maioistas têm aniquilado os melhores defensores da revolução chinesa, os combatentes mais fiéis ao marxismo-leninismo e à causa do proletariado internacional.

Em 27 anos um grande povo de 700 milhões de almas, dentro da comunidade dos países socialistas, poderia ter desempenhado um papel decisivo na alteração das forças políticas no mundo a favor do socialismo. Isso não aconteceu a partir dos fins da década de 50. Sob a égide do maioismo, a grande China patina numa via que não pode conduzir à conquista de um futuro feliz e socialista para o seu povo.

O processo do maioismo está ainda por completar mas está já feito numa medida concludente.

Mao Tse-Tung morreu. O maioismo ainda não. Esperemos que o grande povo chinês reencontre o seu caminho ao lado dos outros povos que esforçadamente edificam o socialismo. Não nos move a nós, comunistas portugueses, nenhum sentimento mesquinho para com um homem que foi um grande dirigente revolucionário e que a morte acaba de ceifar. Mesmo os piores inimigos têm o seu lado bom. Às vezes tão pequeno, tão pequeno, que se perde na imensidão dos erros.

O lado bom de Mao Tse-Tung ficou largamente submerso na avalanche dos males que provocou à revolução. O tempo e o juízo da História lhe darão a sua dimensão real e a medida exacta dos seus erros.

AS RAÍZES DO TERRORISMO ESTÃO AINDA POR ARRANCAR

Atentados recentes e novas vítimas provam a necessidade do prosseguimento rigoroso das investigações e da liquidação completa do terrorismo

A rede terrorista começou a ser desmantelada há cerca de um mês. Alguns terroristas estão presos. Outros conseguiram fugir. Mas a organização criminosa permanece. Depois de um pequeno interregno, os atentados continuam. Segundo parece, tratava-se de tomar o pulso à contra-ofensiva das autoridades. Os terroristas em liberdade precisariam de algum tempo para saberem até onde a campanha antiterrorista poderia ir a curto prazo. Pelos vistos, não foi ainda nem longe, nem fundo. Assim, as bombas voltam a rebenotar um pouco

por todo o lado. Descobrem-se esconderijos com armas e munições. Um suspeito é detido na fronteira. Na bagagem: armas e explosivos. A rede é a mesma. É preciso que dela não fique uma única malha. De modo discreto e sacudindo a água do capote, o prof. Freitas do Amaral declarava, entretanto, ter de "admitir que possa haver um ou outro agente infiltrado" no seu partido (um ou outro terrorista, claro está) mas que, caso se venham a confirmar essas infiltrações, essas pessoas "deixarão de ser do partido". Embora implicitamente, o dirigente do CDS reconhece uma verdade provada. Mas os terroristas "infiltram-se". A sua organização assim nada teria a ver com o CDS. Seria uma coisa aparte da direita reacçãoária. A crer no prof. Freitas, estaríamos perante alguns bombistas "independentes" que querem desacreditar o CDS junto da opinião pública. Talvez fosse o ELP que teve a ideia. Faria essas coisas para comprometer o CDS que pretenderia demarcar-se da extrema-direita.

aspectos do terrorismo, estão ainda por averiguar ou, pelo menos, ainda não vieram a público. Mas uma coisa desde já é certa: a direita reacçãoária é responsável pelos actos de terrorismo. Outra diversão para desacreditar a campanha contra a bomba é dizer que o terrorismo seria coisa "espontânea" e individual. Os bombistas teriam sido vítimas de injustiças (durante o "gonçalvismo", claro está) e assim dava-lhes para... Atiravam bombas! É inacreditável, mas esta posição veio a público nos jornais.

camarada Jaime Valverde, militante do PCP. Em Lisboa e em Chaves; as autoridades descobriam e apreendiam, entretanto, fortes quantidades de explosivos, armamento e munições.

Mas ao mesmo tempo a cortina de fumo continua. A imprensa da direita reacçãoária (e entre ela figuram alguns jornais estatizados) não se cansa de defender os terroristas, às vezes pelos processos aparentemente mais inocentes e subis. Todavia, as manobras nem sempre resultam.

É o caso recente de um elemento afecto ao CDS, o sr. Abílio Costa, de São Martinho do Campo, que tentou, sem êxito, trazer a Lisboa alguns trabalhadores da empresa de Abílio de Oliveira, preso em Caxias por terrorismo. Pretendia ele pôr os trabalhadores a soltar o patrão mediante diilgências que lhe saíram frustradas. Os trabalhadores não estavam tão "douttrinados" como ele pensava pela imprensa reacçãoária e fascizante.

Pelo contrário, os trabalhadores e as suas organizações de classe continuam a exigir por todo o País o completo desmantelamento da rede terrorista, a prisão e o castigo severo dos criminosos. E nenhuma outra posição poderiam tomar os trabalhadores, pois têm sido eles, as suas organizações e o PCP, o seu Partido de vanguarda, quem mais tem sofrido com o terrorismo. E muito têm feito para o denunciar e liquidar.

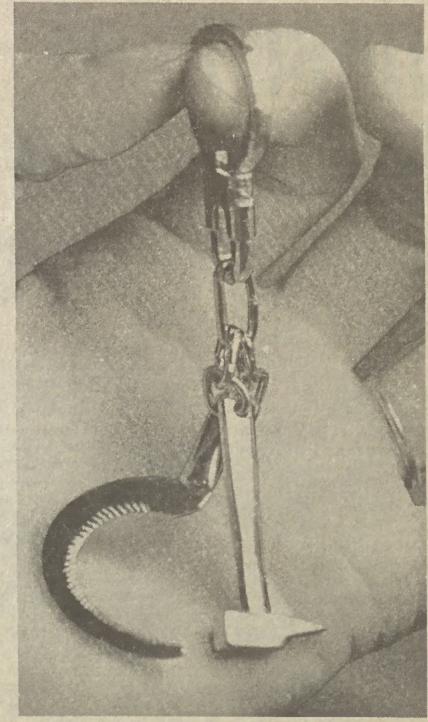
ATENTADO NO PORTO CONTRA UM COMUNISTA

Entretanto, a acção das autoridades tem-se feito sentir. Ultimamente, registaram-se mais prisões e certamente novas ligações da rede terão sido descobertas. Necessário é que o desmantelamento continue, como se tem exigido, até às últimas consequências. Para que o terrorismo seja banido para sempre da vida do País as investigações devem prosseguir sem atender às campanhas da imprensa reacçãoária que lança diariamente calúnias e confusões.

Porque a verdade é que os terroristas não param. No Porto, há cinco dias, deflagrava um engenho explosivo na residência do

DE NOVO À VENDA O PORTA-CHAVES SENSACÃO

Pedidos à CDL: Av. Santos Dumont, 57-C - Lisboa-1



\*De Moçambique para Portugal

Tempo

Uma revista semanal Moçambicana com tudo sobre a República Popular de Moçambique

\* É UMA DISTRIBUIÇÃO CDL E ENCONTRA-SE À VENDA NAS POPULARES LIVRARIAS CDL

Livraria 1.ª de Malo - Praceta Portugal - Baixa da Banheira • Livraria Interlivro de Coimbra - Terreiro da Eva, 6 - Coimbra • Livraria Bento de Jesus Caraça - R. Alarcova de Bato, 13 - Évora • Livraria Popular de Faro - R. 1.ª de Dezembro, 13 - Faro • Livraria Interlivro - R. Pedro Nunes, 5 - A. Lisboa • Livraria Popular dos Olivais - R. Cidade de Quelimane 3C - Olivais Sul • Livraria «Avante!» - R. de Avis, 26 - Porto

Tempo A REVISTA DO NOSSO TEMPO

A venda a 2.º Volume



# UM CHEFE DE GOVERNO DESAFECTO AO «QUINTO IMPÉRIO» COLONIAL

**Os Açores têm um governo constitucional. Vai ser cumprida a Constituição?**

Há cerca de uma semana tomou posse em Ponta Delgada o Governo Regional dos Açores. O Primeiro-ministro é o dr. João Bosco Mota Amaral, figura proeminente do PPD e ex-deputado da ANP à Assembleia Nacional fascista. Partido mais votado para a Assembleia Regional do Arquipélago, com 27 deputados num total de 43, o PPD formou governo sozinho.

Na linha de declarações feitas anteriormente pelo secretário-geral do partido, dr. Sá Carneiro, nomeadamente no sentido de a autonomia não ser apenas de governo, mas ainda de programa sem subordinação, nem coincidência com o do PS aprovado na Assembleia da República, o dr. Mota Amaral, no discurso de posse, teve uma assomo despropositado de "anticolonialismo" ao referir-se, "depois de perdido o império africano", àquilo que qualificou de "fantasia ridícula de qualquer quinto império" atlântico, que signifique acorrentar os Açores à prática de índole colonialista embora fingida de paternalismo.

A "ridícula fantasia" só parece existir nos espíritos daqueles que ao falarem de autonomia estão a pensar em separatismo e não parecem incomodar-se muito com o colonialismo, ou com o imperialismo que o contém, desde que a "fantasia" não venha de Lisboa, mas de Washington, envolva nos mesmos dólares que fazem de Porto Rico uma colónia dos Estados Unidos.

Ainda recentemente, aqui no "Avante!", referimos esse perigo nada fantasioso da entrega da economia dos Açores às multinacionais americanas, tentativa já assinalada através de uma sugestão para criar no Arquipélago um centro de sedes de companhias internacionais, transformando a região numa zona totalmente controlada pelos grandes monopólios imperialistas.

Este e outros casos de infiltração americana nos Açores não são do domínio da fantasia. E para o perceber não é necessário ir desenterrar, sem vir para o caso a utopia setecentista do Padre António Vieira e o seu "quinto império" literário que os capitalistas americanos certamente não conhecem e sem o qual passam muito bem, pois o imperialismo deles nada deve à literatura.

## BARCO PORTUGUÊS APRESADO POR DESPACHO

Com a "fantasia" colonialista do dr. Mota Amaral parece também nada ter a ver, antes pelo contrário, o caso recente do barco de pesca português "Luís Mário" da Cooperativa de Pescadores "Princesa de Peniche", que esteve 11 dias apresado nos Açores por pescar em mar português, precisamente dentro das doze milhas que definem o limite das águas territoriais do Arquipélago. Para isso foi invocado pelas autoridades açorianas um despacho de 23 de Junho de 1976 da responsabilidade do então presidente da Junta Regional, general Altino de Magalhães. Mas enquanto esse despacho era aplicado com rigor a um barco que é propriedade de uma cooperativa, impedindo pescadores de angariar o sustento de 28 famílias, um barco do mesmo tipo do "Luís Mário" mas pertencente a uma empresa capitalista procedia à faina nos mesmos locais e nas mesmas condições técnicas sem ter sido inquietado e podendo regressar ao Continente sem o mínimo prejuízo.

Nenhum autonomismo pode justificar um caso destes. O separatismo talvez — numa atitude bem discriminada contra trabalhadores, enquanto o capitalista é deixado em paz. Duzentos contos foi o que os pescadores do "Luís Mário" perderam por causa do "despacho autonomista" que, por estranho que pareça, não se destina a salvaguardar nenhuma autonomia dos pescadores açorianos que, se fossem ouvidos certamente não concordariam com quaisquer discriminações para trabalhadores do Continente.

## UM GOVERNO SOCIAL-DEMOCRATA?

Mas agora quem governa nos Açores é o PPD. Vamos ter oportunidade de ver na prática da governação o que significa a tão vistosamente apregoada democracia social ou social-democracia da ex-ala liberal da Assembleia fascista. Os trabalhadores açorianos vão exigir, agora ainda com mais vigor, que o 25 de Abril chegue às suas terras. O primeiro Governo autónomo é, por isso, a primeira amostra constitucional que vão ter de como são defendidos os seus direitos constitucionais e as conquistas revolucionárias que são de todos os trabalhadores portugueses, quer sejam minhotos, quer açorianos, e que a Constituição defende por igual.

O dr. Mota Amaral, Primeiro-Ministro do Governo autónomo, apressou-se a declarar estar "o Governo dos Açores apostado em servir todos os açorianos sem qualquer sectária discriminação". Cumpre-nos, portanto, lembrar ao dr. Mota Amaral que os trabalhadores comunistas açorianos têm os mesmos direitos dos trabalhadores comunistas do Continente — situação que até agora lhes tem sido violentamente negada, sobretudo em Agosto de 1975 (quando a influência do PPD em número de votos era maior do que é presentemente nas Ilhas) naquele mês em que foram assaltados, destruídos ou mandados encerrar pelas autoridades os centros de trabalho do PCP no Arquipélago.

O clima de que depende a viabilidade da consolidação da democracia não é compatível com os ataques a centros de trabalho de um partido democrático e com a expulsão dos seus militantes dos seus locais de trabalho e das suas terras de origem. Impõe-se a reparação desses crimes contra a democracia. O exercício das liberdades democráticas consagradas na Constituição não pode sofrer discriminações. Em palavras bem claras assim o reafirmou de resto o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao discursar na Assembleia Regional dos Açores, quando, referindo-se ao clima para viver em democracia recordou que ele "exige o respeito intransigente pelas diferenças de opinião e de opção e não pode coarctar o exercício dos direitos de reunião e de associação que, sendo para nós uma reconquista do 25 de Abril, pertencem ao património da Humanidade".

# MANIPULAÇÃO DESCARADA

**Um socialista, presidente da CA da Câmara de Mafra, demonstra inovação na arte de manipular as populações e de atentar, desde já, contra a liberdade nas eleições para as autarquias locais**

Eis um exemplo muito claro de como alguns socialistas entendem o jogo democrático e o apregoado pluralismo...

Sucedeu numa quarta-feira, no passado dia 8, no Salão Paroquial de Mafra, numa reunião convocada pelo Presidente da Comissão Administrativa, um filiado do PS, Floriano Nelson Rodrigues Salvador. Segundo diz, este sujeito promoveu a reunião com o louvável objectivo de ensinar os munícipes e particularmente os analfabetos a votar. Somente os *fac-símiles* dos boletins de voto que distribuiu omitiam o Partido Comunista Português! Desde o MRPP, à AOC e ao defunto Partido da Democracia Cristã, o senhor Floriano não esqueceu nenhum grupo nem grupelho. Porém, quanto ao Partido

Comunista Português, partido representado na Assembleia da República, partido que teve militantes seus em todos os Governos Provisórios, é ignorado pelo Presidente da CA da Câmara de Mafra!

Até agora ninguém chamou publicamente a atenção do senhor Floriano para os meios anticonstitucionais e de qualquer modo pouco sérios de que se serve para a sua política partidária. O Governo Civil mantém-se em silêncio. As autoridades competentes calam-se.

Não se trata de acto falhado provocado por frustrações e raivinhas incómodas. Trata-se de uma burla que vitima as populações, trata-se de um atentado às liberdades e ao espírito democrático das populações. Ainda as eleições para as autarquias locais vêm

longe e já assistimos à vergonhosa manipulação do povo. Será deste modo que se assegurar eleições livres? Quem responsabiliza este homem que demonstra, num só acto, a sua incapacidade para estar num cargo cuja atribuição na Constituição é definida como prossecução dos interesses das populações?

Se não forem as populações a denunciarem as violações da democracia e as forças antifascistas a alertarem para esta denúncia, não tarda que proliferem pelo País os gestos à Floriano Salvador.

Urge pois combater estes inovadores pluralistas. Pela integridade do próximo acto eleitoral! Pela garantia de eleições livres para as autarquias locais!

# AS COSTAS LARGAS DOS TRABALHADORES NÃO SUPORTAM UMA POLÍTICA DE DIREITA

**A comunicação do Primeiro-Ministro ao País confirma a justeza das apreensões manifestadas pelo PCP em relação ao Programa do Governo, à sua composição e à sua previsível prática política**

A consciência dos trabalhadores não se mede por excepções que mais não fazem do que confirmar, pelo seu número reduzido, o empenho e os sacrifícios do movimento operário e popular, de todas as camadas laboriosas na reconstrução nacional. Este facto, comprovado diariamente nos campos, nas fábricas e em todos os locais de trabalho e de luta, pretende o Primeiro-Ministro escondê-lo, ou fazer com que seja esquecido, quando atribui um relevo falso a essas excepções, deturpando o alcance e o significado de absentismo e daquilo a que chama "o direito à preguiça". Os trabalhadores foram apresentados pelo dr. Mário Soares "como os responsáveis de todas as dificuldades económicas e sociais — afirma o PCP numa nota da SIP — ao mesmo tempo que, deliberadamente são escamoteadas as responsabilidades dos monopolistas e grandes agrários em graves acções de sabotagem contra a economia nacional e contra o próprio regime democrático saído do 25 de Abril".

A hostilidade contra os que tudo produzem foi o aspecto mais saliente de um discurso reprovável donde se depreende que "a alternativa do Governo para superar a crise económica se reduz, no essencial, a submeter-se aos interesses e exigências dos grandes capitalistas, agrários e imperialistas, a promover o agravamento da exploração e das condições de vida dos trabalhadores, a limitar os seus direitos e ofender as suas conquistas".

## PRODUZIR MAIS E MELHOR

As dificuldades actuais da economia portuguesa exigem medidas cuja necessidade o PCP sempre defendeu. Mas estas só poderão efectivizar-se e dar os frutos desejados, se tiverem a participação activa e responsável dos trabalhadores na sua definição e na sua aplicação. "O PCP sempre defendeu a necessidade do aumento da produção, da consciente disciplina de trabalho, da contenção dos défices das finanças públicas, do controlo das importações, da diferença entre o que o País consome e o que produz, no quadro de uma firme política de estabilização, recuperação e desenvolvimento da economia".

Estas palavras da nota do PCP sobre o discurso do Primeiro-Ministro constam dos documentos mais importantes

do Partido e a clareza dos seus objectivos não pode ser negada por ninguém na prática diária de uma política totalmente contrária àquela para que aponta o dr. Mário Soares ao reproduzir "fielmente as principais exigências das forças de direita". Quando, num tom autoritário e alarmista, usando a linguagem própria do grande patronato, anuncia "propósitos que põem perigosamente em risco as conquistas da Revolução", o Primeiro-Ministro, ao mesmo tempo que manifesta "um ostensivo desprezo pelas realizações históricas dos trabalhadores portugueses e pelo seu decisivo contributo para impedir a derrocada da economia nacional", dá-nos um indício muito claro e muito preocupante de que "o Governo prossegue uma política de direita, antioperária e antipopular".

E como esse indício nada tem de subjectivo, nem de único "o PCP uma vez mais alerta para as graves consequências que sem dúvida alguma resultarão de uma política orientada contra os trabalhadores e as massas populares, no sentido da recuperação capitalista, agrária e imperialista".

"No que toca aos mais prementes problemas económicos — acentua ainda

o PCP — a exposição do Primeiro-Ministro saldou-se por afirmações de princípio, por enunciados vagos e genéricos, sendo flagrante a ausência de um conjunto de medidas imediatas, coordenadas e hierarquizadas, capaz de merecer a confiança e o apoio dos trabalhadores e contribuir para a reanimação da economia nacional, com decisão e audácia".

Essa ausência de medidas, que vem confirmar "a justeza das apreensões manifestadas pelo PCP em relação ao Programa do Governo, à sua composição e à sua previsível prática política", ignora os problemas que exigem solução mais urgente e é resultado de uma política que, "longe de promover a reanimação económica, aumentará dificuldades sectoriais e poderá provocar baixas de produção e de produtividade".

## RESTRICÇÕES ÀS LIBERDADES

Para explorar essas dificuldades em seu proveito está a direita reaccionária pronta a aproveitar-se de todos os factores de desestabilização.

O dr. Mário Soares sabe que os trabalhadores resistirão a uma política que lançará

sobre os seus ombros todo o peso da crise e das tentativas para a superar. Por isso, "o Governo desde já anuncia medidas restritivas das liberdades (revisão da lei da greve e da lei sindical) e aponta para medidas repressivas".

Mas com uma orientação destas nunca se poderão resolver as dificuldades e construir o regime democrático. Por isso e sublinhando que "é possível resolver e ultrapassar as actuais dificuldades da economia portuguesa", o PCP, "ao mesmo tempo que alerta para os graves perigos da orientação anunciada na comunicação do Primeiro-Ministro, faz um apelo para a união dos esforços de todos os que querem ver resolvidos os problemas da economia portuguesa no interesse dos trabalhadores e do progresso do País, no quadro das conquistas do 25 de Abril e na perspectiva socialista apontada pela Constituição".

A este apelo se juntam sem dúvida os esforços de todos os que analisam seriamente, de forma objectiva e serena, os problemas nacionais sem perder de vista que a reanimação económica nunca dará resultados se for orientada contra os trabalhadores.

# OS FACTOS QUE DESTROEM OS ARGUMENTOS

**Sindicatos Agrícolas e Comissões de Trabalhadores das Cooperativas e Unidades Colectivas repudiam energicamente afirmações do Primeiro-Ministro e insistem no cumprimento da Constituição**

"Nós, trabalhadores agrícolas das cooperativas e unidades colectivas de produção e delegados sindicais democraticamente eleitos pelos nossos companheiros de trabalho, repudiam, por serem falsas e difamatórias, as acusações feitas pelo Primeiro-Ministro dr. Mário Soares, na sua conversa na Televisão, na noite do dia 9 de Setembro de 1976".

Com estas palavras se inicia uma moção dirigida "a todos os trabalhadores portugueses" e assinada pelos sindicatos dos trabalhadores agrícolas dos distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal e pelas comissões de trabalhadores de quase todas as cooperativas e unidades colectivas de produção agro-pecuária desses distritos.

Nesta moção recorda-se ao Primeiro-Ministro que só aos trabalhadores e às suas organizações coube a grandiosa realização da Reforma Agrária com tudo o que ela implicou: fim do desemprego, aumento de salários, férias, aumento da produção dos cereais, aumento dos efectivos pecuários e do parque de máquinas, aproveitamento de terras ao abandono e luta contra os roubos e sabotagens dos latifundiários. Em resposta à afirmação do dr. Mário Soares de que os grandes agrários fascistas haviam criado "um mínimo de condições económicas e técnicas para o sucesso da Reforma Agrária", os signatários da moção lembram-lhe ainda a miséria e o abandono existentes no campo antes dos

trabalhadores terem, com o apoio dos militares patriotas avançado para a Reforma Agrária — facto que é aliás do conhecimento geral.

Passando a analisar os muitos "atraveses que certos ministérios do Governo do dr. Mário Soares estão a colocar ao avanço e consolidação da Reforma Agrária, em vez de a ajudarem como é a sua obrigação", as organizações dos trabalhadores, exemplificam:

- O não estabelecimento de preços para os produtos agrícolas já recolhidos e entregues; a falta de garantia de escoamento de outros como as avelãs, as cevadas dísticas e as cevadas e a ausência de medidas para o seu armazenamento; o não vencimento de muitos dos subsídios de produtos agrícolas do ano passado;

- As verbas "absolutamente ridículas, por insignificantes", investidas na Reforma Agrária e a inexistência de uma política de crédito, isto enquanto se fala de conceder indemnizações e subsídios aos grandes agrários absentistas e sabotadores;

- O campo de acção dado aos intermediários pela "ineficácia propositada do aparelho de comercialização estatal", como sucede com a aveia, a cevada dística, a fruta, fardos de palha, azeite, etc. Por exemplo, "os intermediários compram-nos os fardos de palha a 11500 e 15500 no Sul e vendem-nos a 30500 e a 50500 aos reideiros, seareiros e agricultores do Norte".

Pergunta-se na moção: "Porque não é o Estado a comercializar as palhas, para que sejam vendidas no Norte a preços mais baixos?"

Colocando uma série de questões directas ao Primeiro-Ministro, os signatários da moção chamam a atenção para a Lei das Expropriações e para a Constituição.

E interrogam: porque não se cumpre a Lei e a Constituição no que se refere às expropriações e ao apoio à Reforma Agrária e se insiste em dar reservas aos agrários no meio das cooperativas? Porque se não expropriam as terras que por lei são expropriáveis de modo a formarem-se cooperativas em que, se o quiserem, pequenos agricultores, reideiros e seareiros possam finalmente receber um pedaço de terra? Porque se caluniam os trabalhadores e os seus sindicatos cuja acção representou o aumento da produção e do emprego e se silencia a acção tenebrosa dos grandes agrários e suas organizações fascistas como a CAP? Porque não fala o Primeiro-Ministro nas violações dos caciques do Norte à Lei do Arrendamento Rural que não tem ainda reduzido a escrito meio milhão de contratos de arrendamento?

A terminar, inquirim ainda os signatários da moção: "Desconhecerá o sr. Primeiro-Ministro os roubos de gado, os roubos e danos de máquinas, as grandes dívidas, os salários de fome, os despedimentos, as arbitrariedades de todas as espécies, mesmo os crimes

(como o assassinato de José Adelino dos Santos, de Catarina Eufémia e muitos outros) da responsabilidade dos ex-latifundiários fascistas?"

## TÁBUA RASA DA CONSTITUIÇÃO

Num comunicado dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas dos Distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal são apontados os mesmos problemas que bloqueiam o avanço da Reforma Agrária e mencionam-se as diligências das organizações dos trabalhadores junto das entidades governamentais no sentido de serem resolvidos os anseios das populações trabalhadoras do campo. Referem-se diversas audiências, com o ministro da Agricultura, com um elemento do gabinete do Primeiro-Ministro, com o Comandante da Região Militar do Sul, audiências estas requeridas por sindicatos agrícolas e por comissões de trabalhadores das unidades colectivas e cooperativas agrícolas. Informa-se ainda que estão solicitadas entrevistas ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução.

Depois de apontarem problemas prementes com que se debate a Reforma Agrária, os sindicatos agrícolas apontam alguns factos que demonstram como, no que se refere à Reforma Agrária, se faz já tábuas rasas sobre o que diz a Constituição: a não realização da totalidade das expropriações que viria

a permitir o pleno emprego nos campos; a não garantia de preços apesar de se aproximar a época das novas sementeiras; a não ingerência de organismos de Estado nas cooperativas, tal como estabelece a Constituição; o direito a tempo de antena na TV aos trabalhadores reconhecido na Constituição, preceito que é violado a favor da CAP e de outras organizações de grandes agrários e fascistas, difamando-se a Reforma Agrária nos órgãos de Informação: "Trabalhamos, produzimos, aumentamos a riqueza do País. Queremos e devemos informar correctamente o País, sem demagogias".

Noutra passagem do seu comunicado os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas afirmam:

"Está escrito na Constituição que o Estado tem que apoiar técnica e financeiramente a Reforma Agrária. Cumpra deste modo o Governo a sua obrigação como os trabalhadores agrícolas têm cumprido a sua. Forneça o Estado apoio com sementes seleccionadas, com máquinas e alfaias, com adubos capazes, com estudos de terrenos, com obras fundiárias, com gado seleccionado, com preços de garantia fixos e com uma política real de crédito. Veremos assim aumentar a produção e melhorar a situação económica do País, sem necessidade de andarmos a estender a mão aos grandes capitalistas europeus e americanos, que mais cedo ou mais tarde levariam o braço e tudo o resto".

# INTER: A LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO CONTINUARÁ

**A Intersindical lembra que o discurso do Primeiro-Ministro é proferido no momento em que decorre uma das mais fortes ofensivas contra o movimento sindical**

"O Primeiro-Ministro utiliza a linguagem da CIP e da CAP ao acusar os trabalhadores de "fúria reivindicativa", atribuindo-lhes a culpa da baixa de produtividade e do aumento do absentismo" — refere a Intersindical num comunicado sobre a recente comunicação do dr. Mário Soares ao País.

"Mas só o patronato reaccionário e o grande capital interno e internacional poderão estar interessados em confundir alguns erros a que conduziu a luta reivindicativa com a justa melhoria das condições de vida e de trabalho alcançadas com o 25 de Abril", acrescenta a Central

Única, lembrando mais adiante que "os sindicatos continuarão a estar na vanguarda da luta contra as reivindicações demagógicas e irrealistas, contra as reivindicações que agravam as distorções salariais herdadas do regime dos monopólios e que provocam a divisão dos trabalhadores".

Mas os sindicatos não cederão um passo — adverte a Intersindical — na luta contra a exploração, opondo-se decididamente a todas as medidas que o Governo projecta para retirar aos trabalhadores as suas conquistas económicas e sociais.

Depois de enumerar algumas dessas medidas — liberalização dos despedimentos sem justa causa, maiores limites à contratação colectiva, congelamento do salário mínimo até Janeiro de 1977, proibição da actualização dos salários segundo o aumento do custo de vida, alta dos preços, pagamento de parte do décimo terceiro mês em títulos, aumento dos descontos para a Previdência e agravamento dos horários de trabalho — a Central Única dos Sindicatos Portugueses recorda que se trata "claramente de fazer pagar aos trabalhadores e às massas populares a crise

económica que não provocaram".

Caracterizando o discurso do Primeiro-Ministro como "programa acabado de recuperação capitalista", a Intersindical chama a atenção para o facto de esse discurso ser proferido "num momento em que se assiste a uma das mais fortes ofensivas contra a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical português".

"Só a divisão dos trabalhadores perante os seus inimigos de classe — acrescenta a Central — só a fragmentação do poderoso movimento sindical unitário tornaria possível que um tal programa fosse posto em

prática. Este discurso e as ameaças que ele encerra — acentua — servirão certamente de aviso muito sério a todos os responsáveis sindicais que não tenham até agora dado combate firme ao divisionismo no movimento sindical e contribuirá certamente para a mobilização dos trabalhadores em defesa da unidade", que "será mantida e reforçada, apesar da ingerência do Estado nos sindicatos com que o Primeiro-Ministro ameaça anunciar modificações de fundo na Lei Sindical sem consultar os trabalhadores e com desrespeito pela vontade manifestada por estes".

### VITÓRIAS DA REFORMA AGRÁRIA

As vitórias da Reforma Agrária medem-se, também, através de factos aparentemente sem grande significado mas que expressam bem como a colectivização das terras beneficiou não somente os trabalhadores agrícolas, já não ameaçados por desemprego e fome, mas igualmente os outros trabalhadores consumidores e representou um forte impulso no saneamento da economia nacional. Em nenhuma frente das conquistas revolucionárias como na Reforma Agrária a batalha por uma vida melhor para as massas trabalhadoras se vem realizando com maior sucesso.

porcos e cultivava-se, só em trigo, 120 hectares, outros cereais e diversas culturas. Aqui trabalham 43 homens e 42 mulheres.

● A compreensão da necessidade do reforço da aliança entre os trabalhadores rurais e outros trabalhadores estimula a realização de muitas jornadas de trabalho que são simultaneamente jornadas de convívio. No dia 12 de Setembro, sucedeu mais uma destas jornadas de solidariedade. Desta vez trabalhadores intelectuais e artistas estiveram a trabalhar na Cooperativa de Produção Agrícola «Companheiro Vasco», de S. Miguel de Macedo.

● Nas Festas da Colheita que, em Montemor-o-Novo reuniram milhares de trabalhadores, produtos da terra foram vendidos ao público a um preço que já se não encontra nos mercados. Sem a intervenção vora do intermediário, as populações puderam adquirir bons produtos a preços verdadeiramente acessíveis. Só a Cooperativa «Bento Gonçalves», a mais pequena do concelho, vendeu ao público 6 toneladas de melancias, 15 toneladas de batatas, 10 toneladas de cebolas, 1 tonelada de alhos, 600 quilos de tomate, 600 litros de feijão verde e 800 litros de grão-de-bico.

● No passado fim-de-semana a população da Brandoa e muitos trabalhadores de outras zonas participaram numa Festa Popular de Apoio à Reforma Agrária. Houve provas de atletismo, feira do livro, canto livre e um mercado de produtos agrícolas constituído pelas cooperativas «12 de Maio», «Estrela Vermelha» e «Estrela do Povo». A iniciativa que reuniu vasta multidão pertence à COOPBRANDOA (Cooperativa de Consumo Operária da Brandoa).

● Conscientes da importância vital da defesa da Reforma Agrária para a sua consolidação, trabalhadores da empresa Progresso Industrial, trabalhadores da CTM, trabalhadores do extermato Fernão Mendes Freire, família de Ramalheite Suspiro, casal Santos, grupo de base do MDP/CDE de Santos, grupo de Alcântara da CARA contribuíram com mais de vinte e sete contos recolhidos pela Comissão de Apoio à Reforma Agrária da Zona Oriental de Lisboa. Os donativos serão entregues ao Fundo de Apoio à Reforma Agrária (FARA) e destinam-se a auxiliar as cooperativas mais necessitadas.



## LEI DO ARRENDAMENTO RURAL — IMPORTANTE CONQUISTA QUE URGE FAZER CUMPRIR

Rendeiros e Agricultores de Gaia, Barcelos e Penafiel defendem a Lei do Arrendamento Rural, condenam os terroristas e exigem o completo desmantelamento das suas organizações. Constituída a Liga de Agricultores e Rendeiros de Vila Nova de Gaia

No último domingo, em Vila Nova de Gaia, Barcelos e Penafiel efectuaram-se encontros de rendeiros e agricultores, que tiveram como principal objectivo a defesa da Lei do Arrendamento Rural, a denúncia da violência dos proprietários absentistas sobre os rendeiros e o reforço da organização dos camponeses em luta por uma vida melhor nos campos. Convocados pelo Movimento de Agricultores Rendeiros do Norte e pelas respectivas comissões pró-liga estas iniciativas mobilizaram, no seu conjunto, centenas de camponeses. Nas três reuniões foram aprovadas várias propostas destinadas a ser enviadas às autoridades e ao Presidente da República.

### UMA IMPORTANTE CONQUISTA DA REVOLUÇÃO

A Lei do Arrendamento Rural, promulgada através do Decreto-Lei 201/75, define e regulamenta novas relações jurídicas entre os proprietários absentistas e os rendeiros, constitui uma das poucas medidas revolucionárias decretadas, depois do 25 de Abril, em benefício dos rendeiros, que constituem um importante camada social na nossa sociedade, abarcando cerca de 330 mil pessoas. Como muitas vezes se ouve dizer aos camponeses sem terra representa «o 25 de Abril nos campos». Graças à sua luta firme e difícil, ao esforço dos rendeiros nas suas organizações de classe, já foram assinados cerca de 50 mil contratos de arrendamento, o que significa uma importante vitória sobre os grandes proprietários absentistas e inclusive sobre o caciquismo rural.

E justo sublinhar esse esforço dos rendeiros, uma vez que os responsáveis do Ministério da Agricultura, sobretudo a partir do VI Governo, tudo têm feito para sabotar a aplicação da lei. Por outro lado, alguns técnicos de organismos oficiais conluiados com os proprietários absentistas, não prestam e esclarecimentos convenientes, ignoram o que nela se encontra estipulado. Depois de sucessivas prorrogações para a sua entrada em vigor, decretadas pelo engenheiro Lopes

Cardoso, o prazo para a redução dos contratos a escrito terminou no passado dia 30 de Junho. Entretanto, não se conhece qualquer caso em que tenha sido aplicado o disposto no § 5.º do art.º 2.º do D.L. 201/75, que prevê multas para os senhorios equivalentes «ao triplo da renda correspondente aos meses completos da duração do incumprimento que lhe for imputável».

«A Lei do Arrendamento Rural é uma peça decisiva para o desenvolvimento e melhoria da situação económica da agricultura portuguesa nas zonas do minifúndio», salientava, no domingo, em Gaia, Albino Teixeira, membro do secretariado do MARN e que já beneficia do novo regime de arrendamento, há mais de um ano. Prosseguindo a sua intervenção sublinhou: «A aplicação da lei e da tabela de rendas máximas tornará efectiva uma redistribuição dos rendimentos da actividade agrícola a favor dos que trabalham a terra».

A propósito vale a pena recordar ao Primeiro-Ministro que a revolução já fez alguma coisa pela população trabalhadora dos campos. Um exemplo do que foi feito é precisamente a Lei do Arrendamento Rural que tem a obrigação como dirigente político responsável, não só de conhecer como fazer tudo para velar pela sua aplicação. Estranha-se, por isso, que nada tenha dito na sua última comunicação relativamente a um problema que interessa muitas centenas de milhares de rendeiros...

### URGE PÔR COBRO E PUNIR A VIOLÊNCIA DOS ABSENTISTAS

À medida que se aproximam as colheitas e aumenta a luta dos rendeiros pela aplicação da lei, os grandes proprietários absentistas intensificam os seus actos de violência. Na última semana, por exemplo, registaram-se vários casos de ameaças a rendeiros, tentativas de colher os frutos de propriedades arrendadas, duas das quais se consumaram.

No passado dia 4 de Setembro, Alberto Santos Ribeiro, senhorio de Manuel Ribeiro, invadiu a terra alugada, situada no lugar de

## O FIM DAS CEIFAS FOI FESTA E COMÍCIO NA «ESTRELA NEGRA»

«Só com os trabalhadores se pode construir uma Pátria sem exploração» — afirmou o camarada Sérgio Vilarigues, do Secretariado e da Comissão Política do CC

A Festa do Fim das Ceifas na Pré-Cooperativa de Produção Agrícola «Estrela Negra» de Sousel que, nos passados dias

11 e 12 mobilizou uma multidão entusiástica, constituiu uma vibrante manifestação de unidade e de

confiança dos trabalhadores na Reforma Agrária da qual são os principais obreiros e que representa, sem dúvida, a mais profunda transformação revolucionária operada na sociedade portuguesa após o 25 de Abril.

Os festejos foram assinalados no dia 11 por uma visita ao Convento de Sousel, uma reunião para apreciação da vida da Cooperativa e um acto de variedades com a participação do Rancho Folclórico de Pavia e os Pioneiros de Pias, Portel e Campo Maior. No dia 12, as festas incluíram uma demonstração de máquinas e uma palestra sobre o seu funcionamento e potencialidades, visita à Cooperativa e um jogo de futebol entre a Cooperativa «Estrela Negra» e a Cooperativa «5 de Outubro». A encerrar a jornada realizou-se um comício no qual participaram os camaradas Sérgio Vilarigues, do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central, António Gervásio, membro da Comissão Política do Comité Central, António Bica e Vítor Louro, ex-secretários de Estado da Reestruturação Agrária.

É contando e confiando no seu espírito revolucionário e patriótico, com o seu espírito de sacrifício que dizemos que isso se fará. O senhor Primeiro-Ministro complicará tudo porque não conta com os trabalhadores e muito menos confia neles. E não conta neles porque não quer construir com eles uma Pátria para eles, onde não tenha mais lugar a exploração do homem pelo homem, uma Pátria socialista, conforme está inscrito na Constituição.

O PCP sempre se pronunciou por uma política de trabalho e austeridade, pelo aumento da produção e da produtividade, pelo controlo das importações, por medidas eficientes contra a fuga de capitais para o estrangeiro, pela aplicação de medidas severas contra os sabotadores da economia nacional, e o senhor Primeiro-Ministro sabe muito bem tudo isto, e sabe também que ele e o seu partido se opuseram, em geral, sempre contra tais medidas, por razões de classe, claro está!.

### Sobre a Unidade:

«A vigilância para não deixar entrar no vosso colectivo a erva daninha da divisão deve ser uma constante de todos vós. Todos unidos pelo mesmo objectivo de fazerem mais e melhor para bem de todos os trabalhadores e do País. O inimigo de classe pretende dividir e liquidar o movimento sindical e transformá-lo num joguete do patronato e do governo. A vossa decisão deve ser: todos unidos no vosso Sindicato, participando activamente nas suas realizações, defendendo os inimigos da unidade sindical e dos inimigos de classe que o desejam dividido e fraco para mais facilmente vos esmagar a todos.»

Unidos e organizados à escala local, regional e nacional, somos uma força invencível. Divididos, querendo uns com os outros, seríamos facilmente batidos. *Trabalhemos pois pela unidade de todos os trabalhadores comunistas, socialistas, sem partido, crentes e não crentes, nas unidades colectivas e nos sindicatos, por um só Sindicato profissional, por uma só Central Sindical.* Assim defenderemos melhor a Reforma Agrária e todas as conquistas da Revolução.

### Sobre as eleições para as Autarquias Locais:

«Em cada freguesia e em cada concelho é preciso elaborar listas democráticas unitárias tendo sempre em conta inserir nelas os homens, as mulheres e os jovens mais conhecidos e prestigiados, honestos e capazes de gerirem e administrarem convenientemente as Juntas e as Câmaras Municipais, conforme os interesses e as aspirações das populações respectivas e de acordo com a força e implantação relativa dos partidos e organizações políticas. Bater o caciquismo, evitar o seu regresso à direcção das Juntas de Freguesia e das Câmaras Municipais é uma condição e uma necessidade imperiosa para consolidar e defender todas as conquistas populares obtidas: as liberdades democráticas, as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo operário. E é também uma condição indispensável para defender os interesses das populações, levando a efeito realizações que melhorem as suas condições de vida nos variados aspectos.»

### APROVADOS O PROGRAMA E OS ESTATUTOS DA LIGA

Simultaneamente, com a defesa da Lei do Arrendamento Rural, os rendeiros e os pequenos e médios agricultores estão a desenvolver um amplo esforço de organização, constituindo comissões pró-liga. No último domingo, em Vila Nova de Gaia, foram aprovados pelas muitas dezenas de participantes no Encontro os estatutos e o programa da Liga de Agricultores e Rendeiros que conta já com cerca de 300 associados. Foram aprovadas as propostas apresentadas pela Comissão Directiva Provisória que definiam como principais objectivos da Liga os seguintes:

— Defesa da Lei do Arrendamento Rural;

— Defesa de medidas de crédito aos Pequenos e Médios Agricultores e Rendeiros;

— Defesa de medidas relativas à fixação dos preços e ao escoamento e comercialização dos produtos agrícolas;

— Apoio e fomento à criação de cooperativas de produtores agrícolas, de comercialização, de máquinas, etc.

— Fiscalizar as leis sobre política agrícola que digam respeito aos interesses dos seus associados;

— Defender a melhoria de condições de vida dos seus associados e familiares quanto à previdência social, instrução e valorização profissional.

Entretanto, no sentido de minimizar os prejuízos provocados pela longa estadia aos agricultores e rendeiros, foi aprovado também o texto de um abaixo-assinado, dirigido ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Agricultura, onde é reclamada a aplicação, pelo governo, do disposto no n.º 2 do art.º 102.º, que «prevê o auxílio do Estado aos riscos de cultura e, neste caso, à seca». Por outro lado, os agricultores e rendeiros de Gaia «exigem que se proceda a um melhor aproveitamento das águas existentes de modo a serem evitadas ou atenuadas situações de avultados prejuízos provocados quer pelas secas quer pelas cheias».

Numerosos rendeiros estão a dirigir aos seus senhorios cartas registadas e com aviso de recepção, ao abrigo do art.º 8.º do D.L. 201/75, onde pedem a redução da renda devido à diminuição da produção provocada pela seca.

## COOPERAÇÃO NA VINDIMA EM COIMBRA

Cada vez mais a consciência colectiva se sobrepõe à consciência individual. Cada vez mais os homens se descobrem unidos por solidariedade e fraternidade e actuam em termos de cooperação.

Eis um exemplo: Este ano, tal como no ano passado, o núcleo da Cooperativa de Coimbra vai realizar as vindimas em conjunto. Quer isto dizer que cada pequeno agricultor que tenha vinha será auxiliado pelo conjunto de todos os outros da sua classe. «Juntamo-nos todos e vamos trabalhar para as terras de uns, depois de outros e assim

fazemos as vindimas. Aceitamos inscrições para quantos queiram colaborar» — dizem-nos de Coimbra. Eos democratas da cidade certamente vão corresponder a este apelo!

Este exemplo de interajuda entre pequenos e médios agricultores é significativo não só pelo que envolve de novas relações entre as camadas trabalhadoras mas também porque pode inspirar actos semelhantes noutras zonas onde os pequenos agricultores (proprietário e rendeiros) de vinho venceram muito melhor as dificuldades das vindimas.

## CAP DE NOVO AO ATAQUE NO CONCELHO DE CORUCHE

A Comissão Concelhia de Coruche do nosso Partido alerta todos os militantes e simpatizantes do PCP, assim como os democratas e antifascistas do concelho, para as novas manobras provocatórias da CAP no sentido de boicotar o trabalho das Unidades Colectivas de Produção. Diz a Comissão Concelhia no seu comunicado distribuído à população:

— As provocações aumentam de tom (arruaceiros exibem pistolas em plena via pública) e já passaram à agressão. (Casos do Presidente do Sindicato de Operários Agrícolas do Distrito de Santarém e do delegado Sindical «Pinto»).

— Na Vila de Coruche, parasitas arruaceiros, a soldo dos fascistas e agrários, provocam os trabalhadores e democratas ameaçando-os inclusive, de morte.

— CAMARADAS E AMIGOS: A estas provocações que denunciamos firmemente, devemos responder com

a nossa firmeza revolucionária. — NÃO RESPONDAMOS A S PROVOCACÕES: — Vamos isolar os provocadores e denunciá-los às autoridades e a toda a população.

— Estejamos vigilantes e calmos seguros da nossa razão, porque «a vitória é difícil mas é nossa».

— Quando os trabalhadores das Unidades Colectivas de Produção somente exigidas das autoridades o cumprimento das leis em vigor e da Constituição estes arruaceiros (CAP) começam a violência, tentando assim criar condições para que as leis não sejam cumpridas.

— «democracia» deles (mocas e pistolas) respondamos com o reforço de organização em torno do nosso Partido.

— Não é por acaso que as provocações aumentam:

— A Reforma Agrária e a organização dos trabalhadores vão-se consolidando no nosso Concelho, as eleições para a Câmara e Juntas de Freguesia estão à porta — aos fascistas, aos CAPs, não interessam as eleições — tudo quanto seja a institucionalização da democracia é uma derrota para eles e então vá de atemorizar os trabalhadores.

— A CAP sabe que ainda há nas mãos de seus sócios mais de 10 mil hectares já nacionalizados no Concelho de Coruche que devem ser administrados por operários agrícolas e pequenos e médios agricultores.

— CAMARADAS E AMIGOS:

— A melhor resposta será o reforço de organização e unidade em torno do Sindicato, Comissão de Trabalhadores e do nosso Partido (caso dos comunistas).

— A unidade dos trabalhadores comunistas, socialistas e sem partido será a afirmação:

«A REACÇÃO NÃO PASSOU NEM CORRUCHE EM CORUCHE».

— A POLÍCIA JUDICIÁRIA: — Vána até Coruche, pois aqui também há bombistas. Do a quem doer as investigações terão de ir até às últimas consequências».

## HOJE EM VALONGO OS BRAÇOS NÃO CHEGAM

Em Valongo, concelho de Avis, onde outrora havia desemprego e fome provocados pelos grandes agrários absentistas, hoje homens e mulheres têm trabalho e os braços não chegam neste momento para algumas colheitas. Isto graças aos trabalhadores reunidos na Cooperativa «5 de Junho» que aumentaram as áreas de sementeira e não poupam esforços na conquista de uma vida melhor para toda a colectividade. Nesta batalha comungam todos os trabalhadores independentemente do seu sector de actividade. Demonstra-o as contínuas jornadas de solidariedade para com a Reforma Agrária.

Recentemente a Cooperativa «5 de Junho» foi cenário de uma destas magníficas jornadas. Aconteceu no passado dia 28 do mês de Agosto, domingo, em que logo pela manhãzinha tractores se encheram nas ruas com estudantes, emigrantes, pedreiros, empregados de escritório, domésticas e tantos outros,

num total de 107 pessoas, que partiram para um granel da cooperativa. Valongo despejou-se pelo campo. «Só ficaram em casa os velhos e outros poucos que por algum motivo não puderam ir» — diz-nos um trabalhador.

Cerca das 13 horas, foi o regresso a casa. Para trás ficaram cerca de 9 a 10 hectares de grão apanhado. «Esta experiência demonstra mais uma vez que unidos no mesmo ideal vencemos as dificuldades» — declara ainda o mesmo trabalhador. Mas há ainda grão por apanhar e outras tarefas para fazer. Os braços dos trabalhadores da Cooperativa «5 de Junho» não chegam, apesar de não se pouparem a horas extras. No entanto, a preocupação não é grande. Porque contam contigo, camarada e amigo, que estás consciente de que sem defender e consolidar a Reforma Agrária não é possível construir a democracia. Contam com a força dos teus braços, com a firmeza da tua consciência de classe, com a tua solidariedade militante.

**V.I. LÉNINE**  
Pequena biografia  
introdução de: **Rodney Arismendi**  
A sair brevemente  
Publicado por **CDL**  
Central Distribuidora  
Livraria - Av. Santos Dumont 57-C  
Lisboa-1

edições Avante!

«Parar. Parar não paro  
Esquecer. Esquecer não esqueço  
Se carácter custa caro  
pago o preço»  
(Sidónio Muralha, em Poemas)

## RECORDAÇÕES DOS TEMPOS DIFÍCEIS

Miguel Wager Russell

«... A maioria não dobrou a espinha nem aos oportunistas tentadores nem às violências dos carcereiros, interessados em esfarraparem moral e politicamente as suas vítimas. Se há mérito nisso, digno de registo, pois aí fica, para que conste».



Deputados comunistas: a solidariedade não se mede só pelas palavras

## DEPUTADOS COMUNISTAS: SOLIDARIEDADE ACTIVA

Deputados do nosso Partido participaram na jornada de trabalho voluntário em Alvalade-Sado, organizada pela DORS

A participação de quatro camaradas do Comité Central (José Vitoriano, Américo Leal, Domingos Abrantes e Francisco Miguel) e de nove deputados do nosso Partido na jornada de trabalho voluntário em Alvalade-Sado não é um gesto demagógico. Geralmente os que utilizam a demagogia, manejam palavras ou actos fáceis que não lhes tragam esforços de maior. Em Alvalade-Sado o trabalho foi duro sob o sol do passado domingo, dia 12. A presença de comunistas, a sua participação na jornada, é apenas mais um testemunho da coerência entre a teoria e a prática que sempre norteou a actuação do PCP. A presença de camaradas responsáveis envolve o reforço da orientação do Partido no sentido de estimular ainda mais os comunistas a encontrarem-se sempre nas primeiras fileiras dos obreiros da Reforma Agrária, nas grandes e pequenas batalhas. No caso, na batalha para impedir que toneladas e toneladas de tomate apodreçam na terra porque a mão-de-obra não chega para apanhá-lo a tempo e horas.

A jornada de trabalho, que mobilizou cerca de 700 pessoas, realizou-se nas cooperativas "Humberto Delgado" e "Revolução em

Marcha" ambas em Alvalade-Sado. No conjunto foram apanhadas cerca de 250 toneladas o que representa uma franca vitória na luta contra o risco de desperdício do tomate ameaçado pela falta de braços.

Basta dizer que, segundo nos declarou um trabalhador da cooperativa, 12 mulheres, durante um dia, apanham cerca de 15 toneladas. No entanto, maior teria sido a apanha se os organizadores da jornada de trabalho voluntário tivessem previsto que muitos trabalhadores voluntários, vindos de longe, não sabiam, com exactidão, a localização das cooperativas e, sem um ponto de encontro, tiveram sérias dificuldades em orientar-se. Esta falha será, sem dúvida, evitada nas próximas realizações, a primeira das quais terá lugar, provavelmente, no dia 18, sábado, pois ainda restam por colher algumas toneladas de tomate.

A Cooperativa "Humberto Delgado" é já uma cooperativa avançada. As 73 vacas deixadas pelo latifundiário, os trabalhadores, com o esforço do seu trabalho, acrescentaram, 60 novilhos, 500 cabras e 70 porcos de criação. Os alqueives, já feitos para as próximas sementeiras,

duplicaram a área. Existem tractores, reboques e alfaias. Este ano, graças à formação da Cooperativa os trabalhadores colheram 16 mil arrobas de cortiça, 1900 sacos de trigo, 2 mil sacos de aveia, 1500 sacos de cevada branca.

"A Revolução em Marcha" é uma cooperativa ainda muito pobre e que luta com sérias dificuldades. Vale-lhe a coragem dos seus trabalhadores, o apoio dos trabalhadores de outras cooperativas, a solidariedade militante das massas trabalhadoras de outros

sectores que não pouparão esforços na defesa da Reforma Agrária. Vale-lhe ainda a solidariedade internacional que tem constituído um forte estímulo à consolidação da Reforma Agrária. Solidariedade, que se manifesta não só em apoio técnico e outro, mas também em trabalho, como aconteceu em Alvalade-Sado, no último fim-de-semana, em que 23 estudantes de geografia, sociologia e cinema da República Federal Alemã trabalharam lado a lado com os trabalhadores portugueses.

## ENCONTRO DE PEQUENOS E MÉDIOS EMPRESÁRIOS

Estiveram presentes meia centena de pequenos e médios empresários, simpatizantes ou militantes do Partido Comunista Português, na reunião que se efectuou, no passado dia 11, no Pavilhão da sede de Aníbal Cunha, no Porto. Foram discutidos os problemas mais sentidos pela classe, as formas de organização unitárias susceptíveis de contribuir para a sua superação e a participação dos pequenos e médios empresários nas próximas eleições para as autarquias locais. Em virtude de a reunião coincidir com o terceiro aniversário de golpe fascista chileno, foi guardado um minuto de silêncio de homenagem aos patriotas que foram assassinados.

Exemplificando com casos vividos pessoalmente, foram denunciados pelos pequenos e médios empresários dos sectores da indústria, comércio e serviços, situações provocadas pela atitude da banca relativamente às PME, quer a nível de crédito, quer de financiamento. Segundo foi referido, a banca não está a ter um comportamento preferencial, pautando a sua atitude por critérios semelhantes aos que adopta relativamente aos grandes empresários. Foi também criticado o facto dos critérios de tributação fixados não serem progressivos, fazendo pagar mais altos impostos aos que maiores rendimentos têm. Por outro lado, os pequenos e médios empresários lamentaram que aqueles que trabalham nas suas empresas não tenham direito à Previdência, como já se verifica com os comerciantes.

A recente comunicação do Primeiro-Ministro respeitante ao pagamento de uma parte do 13.º mês em títulos de tesouro foi asperamente condenada pelos participantes no Encontro de Pequenos e Médios Empresários, na medida em que terá efeitos altamente negativos para o comércio retalhista no Natal. Aliás, no que concerne à política de salários foi salientado que a melhoria das condições de vida alcançadas pelos trabalhadores, após o 25 de Abril, tiveram uma influência muito positiva no pequeno comércio pelo aumento significativo do poder de compra dos trabalhadores.

A política de recuperação

capitalista seguida por alguns ministros do VI Governo e que, pelos vistos, o actual governo pretende continuar tem provocado graves prejuízos aos pequenos e médios empresários. No sector do comércio alimentar, por exemplo, são bem visíveis a consequência da política do serviço dos grandes comerciantes e grossistas praticada pelo ministro pedista Magalhães Mota. O caso do bacalhau e das batatas são bem significativos a esse respeito. Os grandes armazéns vendem aos pequenos e médios comerciantes bacalhau acima dos preços tabelados, embora algumas vezes passem facturas abaixo desses valores. Obrigam os retalhistas a adquirir outros produtos para lhes fornecerem um, ou dois fardos de bacalhau. Açambarcam quantidades industriais para serem vendidos a preços especulativos na quadra natalícia. Entretanto, a Inspeção Geral das Actividades Económicas, ao invés de punir os açambarcadores, multa, e persegue os pequenos e médios comerciantes. No que concerne ao problema da carne, foi sublinhado que a política da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, tal como no tempo do fascismo, está a ser dirigida por um escandaloso tráfico de influências e compadrios, que lesa profundamente os pequenos e médios talhantes. A carne importada dos países capitalistas chega muitas vezes estragada e oxidada. Ao contrário, a que foi importada da Roménia é de muito boa qualidade, como foi assinalado no decorrer da reunião.

Procurando modificar esta situação e desenvolver a luta dos pequenos e médios empresários, os nossos camaradas vão promover algumas iniciativas unitárias, nomeadamente, um movimento contra a decisão de transformar uma parte do 13.º mês em títulos de tesouro. Quanto às próximas eleições para as autarquias locais, foi decidido pelos presentes participar no grande movimento de apresentação de listas unitárias, procurando inserir nos programas a apresentar ao eleitorado a solução para alguns dos mais sérios problemas da classe.

## CAMPANHA DE FUNDOS DA UJC

A fim de enfrentar as volumosas despesas decorrentes da actividade política e editorial da organização, a União da Juventude Comunista (UJC) decidiu lançar em todo o país uma grande campanha de fundos.

As receitas já efectuadas somam um total de mais de cento e vinte e cinco mil escúdos. Contudo, a meta que os jovens comunistas se propõem é de mil contos até ao fim do ano. Muito há ainda a fazer, portanto.

Na concretização deste objectivo, como em todos os outros, será decisivo o espírito de sacrifício

e de militância da juventude, a sua capacidade criadora, bem como o apoio de quantos, jovens ou não, lutam pelos ideais da democracia e do socialismo e compreendem que na juventude está o futuro da revolução.

Todos os que desejem apoiar directamente esta iniciativa poderão depositar os seus donativos na conta bancária n.º 210/4035 da União da Juventude Comunista, em qualquer agência do Banco Nacional Ultramarino.

Avante pelos mil contos até ao fim do ano!

# AS ELEIÇÕES PARA AUTARQUIAS LOCAIS IMPÕEM A UNIDADE ANTIFASCISTA

Uma ampla coligação unitária e antifascista será um factor de importância para bater a reacção

«Desde miúdo que sou católico. Por isso mesmo é que quero ver afastado para sempre o tempo em que nós, cá na freguesia, precisávamos urgentemente de um chafariz e a Junta de Freguesia gastava o dinheiro num nicho. Precisávamos de um caminho — o que tínhamos até para as mulas era mau — e a Junta gastava o dinheiro em festarolas ou a pintar a igreja, quando um católico sincero reza bem num altar por pintar. Entretanto a escola caía de podre, o mercado era e é ainda ao ar livre, quer chova quer faça sol. Dai lhe digo que por estas razões é que as eleições para as autarquias locais são tão importantes. Por isso eu queria que os meus conterrâneos abrissem os olhos para o que vão fazer, quem vão escolher e o fizessem sem medo. Por mim o que me importa é votar para as autarquias locais num grupo de homens que sejam honestos e democratas. Com vigaristas e reaccionários este País não vai para nenhum lado bom. As pessoas que pensem nisto».

Este extracto de uma carta que nos enviou um amigo de uma freguesia do concelho de Aveiro, reflete a preocupação de muitos cidadãos perante o próximo acto eleitoral para as autarquias locais, que se realizará no próximo mês de Dezembro. Mas outros ainda, homens e mulheres, estão alheios da importância destas eleições, e imperioso se torna despertá-los. Esta tarefa cabe às forças democráticas, aos cidadãos que independentemente da sua ideologia ou opiniões anseiam por uma vida melhor para a colectividade. Trata-se de esclarecer e mobilizar as populações para o interesse vital das eleições para as autarquias locais. Para que o resultado se salde numa

vitória para o bem-estar colectivo, para a democracia, é necessário que esta tarefa seja conduzida organizadamente e em unidade.

Neste trabalho de esclarecimento e mobilização das populações, as organizações populares de base têm, sem dúvida, um papel privilegiado. Em algumas zonas, as comissões de moradores, de trabalhadores, as colectividades ganham novo dinamismo. É o caso da Póvoa de Varzim (o mesmo se passando em outras localidades do Norte) onde se constituiu recentemente uma Comissão Eleitoral Unitária cujo objectivo é «evitar que as eleições para as autarquias locais se transformem numa luta de interesses partidários que só viria beneficiar o caciquismo, cancro da sociedade portuguesa, evitar que as autarquias locais caiam nas mãos dos que se serviram delas para o compadrio fácil, para a corrupção descarada e impune, esquecendo em absoluto o interesse das populações».

Outro exemplo da mobilização das organizações populares de base vêm-nos de Loures, onde, recentemente, se reuniram para discutir as eleições para as autarquias locais, 3 Conselhos de Moradores (Caneças, Odiveiras e Bucelas), 2 Conselhos de Trabalhadores (Odiveiras e Bucelas), 42 Comissões de Moradores, 24 Comissões de Trabalhadores, 20 Colectividades e Associações diversas e ainda a Câmara Municipal e 13 Juntas de Freguesia, que constituíram a Assembleia Popular do Concelho de Loures. Entre as moções aprovadas neste Plenário destaca-se a insistência na necessidade do trabalho

unitário, na luta contra a recuperação capitalista, o terrorismo e a reacção em geral, e na urgência da realização em todas as freguesias do concelho de amplos debates (convocados e dirigidos pelas organizações populares de base e autarquias locais) com as populações com vista à discussão das eleições para os órgãos do Poder Local.

Também em Vila Real um grupo de democratas, após diversas reuniões, decidiu constituir uma comissão distrital provisória encarregada de dinamizar e coordenar o trabalho unitário naquele distrito com o «objectivo de propor pessoas honestas e competentes, que a serem eleitas para a direcção das autarquias darão todo o seu esforço pela causa do Povo pela causa dos que trabalham».

### DEFENDER E APROFUNDAR A DEMOCRACIA

Em todos estes exemplos de dinamismo das forças democráticas no esclarecimento e mobilização das populações para as eleições das autarquias locais salienta-se a necessidade do trabalho unitário numa base antifascista e do debate com as populações.

Os órgãos que vão ser eleitos nas eleições para as autarquias em Dezembro próximo, a Assembleia e a Junta de Freguesia, a Assembleia, o Conselho e a Câmara Municipal, têm como atribuição a prossecução dos interesses das populações ou seja a defesa e luta pela concretização dos seus anseios.

Esta tarefa só pode ser desenvolvida por quem defenda o povo trabalhador, por quem defenda a democracia. A ceterum nas

mãos dos reaccionários, as autarquias locais serão, como outrora e ainda hoje em algumas zonas, instrumentos de ambição pessoal, meios para a continuação da exploração das populações, armas detidas por quem poderá, então, na acção prática violar a Constituição, combater a democracia.

Num País como o nosso, em que as necessidades locais são tantas, em que em várias regiões, as populações vivem e economicamente, social e culturalmente num estado de subdesenvolvimento (sem electricidade existem ainda mais de 300 freguesias rurais, sem água, sem escolas, sem caminhos, sem mercados, sem vida cultural) as autarquias locais têm um papel fundamental a desempenhar para a defesa do que no Programa das Forças Armadas e na Constituição da República Portuguesa se designa claramente «as camadas mais desfavorecidas da população».

Só as forças democráticas podem assegurar esta defesa. Só as forças democráticas podem, realmente, cumprir a atribuição dos órgãos representativos das autarquias locais: prossecução dos interesses das populações. Só as forças democráticas podem garantir que o poder local seja emanção e reforço da democracia.

Por isso se impõe o entendimento de todos os democratas e antifascistas na tarefa de constituição de listas unitárias de candidatos para as eleições das autarquias locais, na organização de amplas reuniões com as populações, de modo a que o próximo acto eleitoral represente uma derrota da reacção e mais um passo na concretização da democracia em Portugal.

O Partido Comunista Português não poupará esforços para que este objectivo seja alcançado.

## GRUPO PARLAMENTAR DO PARTIDO COMUNISTA

Com o objectivo de preparar a sua intervenção no próximo reinício dos trabalhos da Assembleia da República, reuniu na passada segunda-feira o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, tendo-se debruçado, após a análise do momento político, entre outros assuntos, sobre a sua estrutura e funcionamento e sobre as questões gerais da sua actuação.

No decurso da reunião, foi confirmada a eleição do Presidente e Vice-Presidentes do Grupo, respectivamente os deputados Carlos Brito, Carlos Aboim Inglês e Vital Moreira.

Procedeu-se à eleição do Secretariado do Grupo, constituído pelo Presidente e Vice-Presidentes, e ainda pelos deputados Francisco Miguel, Veiga de Oliveira, José Manuel Maia, Manuel

Gusmão, Lino Lima e Carreira Marques.

Procedeu-se também à designação dos deputados do Grupo que vão integrar cada uma das onze Comissões Especializadas Permanentes previstas no art.º 46.º do Regulamento. O Grupo Parlamentar analisou o processo da eleição das Mesas e considerou o problema das Presidências das Comissões, tendo deliberado comunicar ao Presidente da Assembleia da República o seu interesse nas Presidências das Comissões de Trabalho e Assuntos Constitucionais, designando para tal os deputados Domingos Abrantes e Vital Moreira.

Os deputados Sousa Marques e Manuel Gusmão foram eleitos como representantes do Grupo Parlamentar à Assembleia da Radiodifusão.

## DELEGAÇÃO DO PCP VISITA A URSS

A convite do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, uma delegação de camaradas do nosso Partido ligados às tarefas de informação e propaganda esteve na União Soviética numa visita de estudo. A delegação constituída por camaradas das Secções de Informação e Propaganda do Comité Central, da DORB, da DORN, da DORS e da DORL, permaneceu na URSS durante duas semanas, tendo estabelecido contactos com diversas secções de propaganda do PCUS, com os órgãos de Imprensa, Rádio e Televisão do PCUS, com comités de bairro e de fábrica, nas cidades de Moscovo, Leninegrado e Riga. Entre os encontros, destacam-se as conversações da delegação do nosso Partido com a Secção de Propaganda do CC do PCUS, com a redacção do Pravda, com o Comité Estatal da Rádio e da Televisão e com a Secção Internacional do CC do PCUS, onde os nossos camaradas foram recebidos pelo camarada Zagladin. No programa incluíram-se ainda visitas a locais históricos ligados à Grande Revolução Socialista de Outubro, a exposições das realizações da economia soviética, a locais

de interesse turístico e cultural, a espectáculos, etc.

Apesar das imensas diferenças no conteúdo da propaganda desenvolvida pelos dois partidos, resultaram altamente positivos, para a delegação portuguesa, as experiências e ensinamentos colhidos quanto à metodologia, estruturas e organização do trabalho de propaganda, educação política, propaganda visual, etc. A delegação trouxe para as organizações do nosso Partido, conhecimentos teóricos e técnicos do maior interesse quer para aplicação imediata, quer para aplicação futura.

A visita permitiu ainda a observação de aspectos importantes da realidade da URSS, nomeadamente quanto ao carácter democrático da sociedade, às imensas realizações da economia soviética e à plena satisfação das aspirações materiais e culturais e dos direitos dos trabalhadores.

Este contacto foi marcado pelo espírito de firme amizade que une os dois partidos e pelo grande interesse e carinho com que o Povo soviético acompanha a revolução democrática portuguesa e a actuação do Partido Comunista Português.

## «UM BALÃO VAZIO»

A Frente Socialista Popular (FSP), que anunciou recentemente a sua saída do GDUP's, afirmou numa conferência de Imprensa no passado dia 8 que este agrupamento criado com base na candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho não passa presentemente de "um balão vazio".

Num documento distribuído durante o encontro com os jornalistas a Comissão Política da FSP denuncia o comportamento da UDP/P"CC" (R), acusando-a nomeadamente de pretender "desviar em benefício de estratégia própria os dividendos eleitorais".

Entre as razões que apresenta para ter abandonado os GDUP's, a FSP menciona ainda aquela "agrupamento" (UDP) que nas relações com as demais forças políticas (as que integram os GDUP's) representava a estratégia reaccionária da China", calculando a luta do MPLA contra as forças do imperialismo e a solidariedade do povo cubano para com o povo angolano.

Quanto ao anunciado congresso dos GDUP's, a FSP prevê que o mesmo não passará de "uma monumental fraude" orquestrada pela UDP.

Ao abandonar os GDUP's a FSP manifesta "a sua firme disposição de privilegiar a unidade na luta pela democracia dos trabalhadores, pela independência nacional e pelo Socialismo".

## COOPERAÇÃO LUSO-CUBANA

Açúcar cubano para Portugal, que será refinado nas indústrias portuguesas, eis o resultado de um contrato comercial assinado entre Portugal e Cuba. Outras operações comerciais vêm ampliar a cooperação entre os dois países. Uma delas consta de um contrato sobre a compra de dez mil toneladas de fertilizantes portugueses que serão embarcados nos próximos dias com destino a Cuba. Outro contrato garante a reparação de muitas embarcações cubanas nos estaleiros portugueses. Há ainda perspectivas para a eventual construção de uma

doca flutuante e de sete rebocadores a encomendar por Cuba.

A delegação cubana chefiada pelo Ministro da Marinha e Portos que esteve, recentemente, no nosso País e visitou a Setenave e os estaleiros de S. Jacinto em Aveiro, estabeleceu contactos neste sentido.

Aguarda-se, também, o termo das actuais negociações luso-cubanas para o estabelecimento de um convénio comercial. Por outro lado, abriu em breve, em Lisboa, uma delegação comercial cubana.

## BANCÁRIOS COMUNISTAS

Bancários Comunistas, reunidos em Assembleia no passado, dia 9, debateram amplamente problemas dos trabalhadores do sector, enquadrando-os na actual situação política. Os trabalhos, que foram iniciados com a leitura de um documento da Organização Distrital dos Trabalhadores Bancários de Lisboa, centralizaram-se na questão da unidade,

considerando-se que é indispensável o alargamento e a consolidação da unidade de todos os trabalhadores como resposta à acção divisionista das forças da reacção. Outro ponto em debate relacionou-se com a necessidade de incrementar a mobilização de todos os trabalhadores em torno dos seus problemas concretos.

## FUNGÁGÁ DA BICHARADA FOI ÊXITO NO PORTO

Excedeu todas as expectativas o êxito alcançado pelo convívio infantil Fungágá da Bicharada que a Livraria «Avante!» promoveu no Porto, com a participação da camarada José Barata Moura.

A cave e as instalações da Livraria revelaram-se insuficientes para acolher as muitas dezenas de crianças que ali acorreram. Como muitas delas fossem obrigadas a ficar na rua, decidiu-se

transferir o Fungágá para a Praça Humberto Delgado, que acabou por servir de palco a uma animada jornada de convívio juvenil.

Entretanto, encontra-se patente na sede dos nossos jovens camaradas, na Rua Torrinha, 200, uma exposição alusiva à viagem recentemente efectuada por pioneiros de Porto à Checoslováquia e União Soviética.

## GOLPISMO EM ALCANENA

O assalto da reacção ao poder local não é de agora. Logo após o 25 de Abril, quando as forças democráticas procuraram assegurar que as Juntas de Freguesia e as Câmaras Municipais não permanecessem feudos do fascismo, a reacção tudo fez para continuar com os cordelinhos do poder administrativo, que nas suas mãos era apenas um instrumento de defesa do caciquismo, da exploração e de apatia contra os interesses das populações.

Não é pois de admirar que com a aproximação das eleições para as autarquias locais, as forças reaccionárias intensifiquem o assalto para se apossarem do poder local. Nesta sua campanha tudo serve: o boato, a pressão sobre as populações, a ameaça. Dois objectivos movem os reaccionários: nos locais onde não deixaram de deter o poder local, importa-lhes mantê-lo a todo o custo; onde as forças democráticas se encontram nas Comissões Administrativas das Juntas de Freguesia e das Câmaras Municipais, tentam os reaccionários apertá-las e preparar um clima de intimidação e calúnia que lhes permita recuperar terreno no próximo acto eleitoral.

Há luz destas considerações têm de ser compreendidos os recentes acontecimentos na freguesia de Alcanena, concelho de Torres Novas, desmascarados por um grupo de antifascistas e pela Comissão Concelhia do nosso Partido.

Prosseguindo um processo de sabotagem ao funcionamento da Câmara Municipal, três elementos da Comissão Administrativa exigiram a demissão do presidente da referida comissão, que sempre procurou fazer o melhor pelas populações. Como salienta a Comissão Concelhia de Alcanena do PCP, "desde há algum tempo que a reacção anda a preparar o assalto à Comissão Administrativa da Câmara saída do 25 de Abril. Desde a calúnia do desvio de terras que o próprio Governo Civil desmascarou, até às torpes insinuações de comprometimento no 25 de Novembro, culminando agora com o envolvimento da prestigiosa Associação Humanitária que é os Bombeiros Municipais, tudo visa um objectivo muito claro: a pretensão da direita em mandar sozinha na Câmara.

Poderemos perguntar: Que manobras ocultas levam as acções sabotadoras do trabalho da Comissão Administrativa pouco tempo antes das eleições para as autarquias locais? Porque exigiram três membros da Comissão Administrativa a demissão da referida Comissão, precisamente nesta altura? Será que serviu durante todo este tempo e que agora quase no fim do seu mandato já não serve? Ou será uma manobra mesquinha desprezando assim os supremos interesses da população e visando apenas os seus interesses partidários?"

A prática já demonstrou que o que está em causa são, de facto, interesses partidários. Senão como se explicaria que convocados pelo Governador Civil para explicarem as razões porque exigiam a demissão do Presidente, estes três elementos não tivessem comparecido?

Como salienta a Comissão Concelhia de Alcanena do nosso Partido, "o povo de Alcanena não pode permitir que a Comissão Administrativa da Câmara não funcione prejudicando assim os seus interesses pela posição de três membros ao demitirem-se das suas responsabilidades. O problema é simples: Os demissionários devem ser despedidos".

A manobra destes três elementos da Comissão Administrativa que procuram paralisar a actividade da Câmara Municipal foi, também, denunciado por um grupo de democratas do Concelho de Alcanena, reunidos na Cantina da Escola Primária, no passado dia 8. Num alerta aos trabalhadores e à população, este grupo de democratas chama a atenção para a tentativa das forças reaccionárias em dividir as fileiras antifascistas, em desviar as populações dos seus reais problemas, em criar um clima psicológico que revertirá a seu favor nas próximas eleições para as autarquias", elança "um apelo a todos os democratas, a todos os antifascistas para estarem atentos e prevenidos contra mais esta manobra das forças de direita que não olhando a meios para alcançarem os seus fins não tiveram pejo em aproveitar-se de uma corporação que toda a população respeita e estima para conseguir objectivos que todos sabemos quais são e dos quais tivemos uma longa e triste recordação: o FASCISMO".

# OS ARTISTAS DA FESTA DO «AVANTE!»



**CONJUNTO APARCOA (CHILE) • CANZONIERE INTERNAZIONALE (ITÁLIA)**



CONJUNTO DE YOSIF KOBSON (URSS) • THE REEL UNION (IRLANDA)

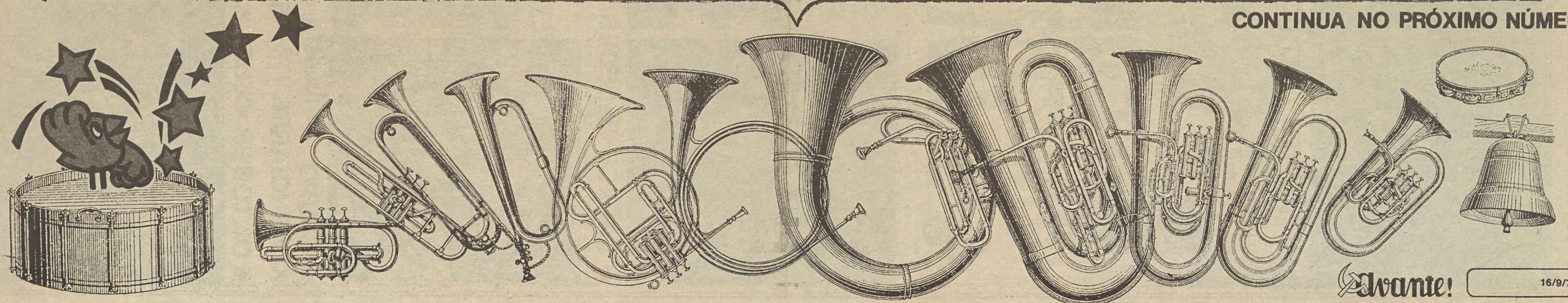


RUI MINGAS (ANGOLA)



BAILARINOS DE KRASNOIARSK (URSS) • SARA GONZALEZ (CUBA) • LOS CAÑA (CUBA)

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO



Avante!



● CONJUNTO APARCOA (Chile) ● JOSIF KOBZON (URSS) ● SAMUEL

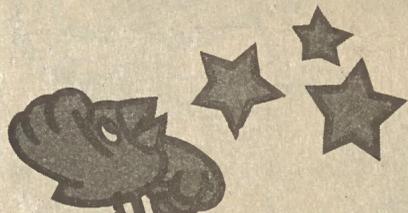
● Domingo, 19 PORTO

● Segunda-feira, 20 COIMBRA

● Terça-feira, 21 BEJA

● Quarta-feira, 22 FARO

● Quinta-feira, 23 SEIXAL



# FESTIVAL

# INTERNACIONAL



# DA CANÇÃO POLÍTICA



● CARLOS PAREDES



● LUDMILA SIENKINA (URSS)



● ANATOLY ELYZANOV (URSS)



● LOS CAÑA (Cuba)



● LUÍSA BASTO



● GRUPO KRASNOIARSK (URSS)



● NUEVO CANZONIERE INTERNAZIONALE (Itália)



● RUI MINGAS (Angola)



● REEL UNION (Irlanda)

● OKTOBER CLUB (RDA) ● A. CORREIA DE OLIVEIRA ● PI DE LA SERRA (Espanha)



# CIDADE DO LIVRO E DO DISCO

Na Festa do Avante!

## NOVIDADES DAS EDIÇÕES «AVANTE!»

### CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA QUESTÃO AGRÁRIA

(em dois volumes), de Álvaro Cunhal  
Colecção «Reforma Agrária». Códigos 06.01 e 06.02

Baseando-se numa exaustiva elaboração de dados estatísticos sobre a realidade da agricultura portuguesa, esta obra revela as leis do desenvolvimento capitalista na sociedade rural portuguesa, demonstra os níveis de expansão capitalista já atingidos e enuncia as linhas da sua progressão futura. E à medida que o vai fazendo, são as próprias teses marxistas-leninistas sobre a questão agrária que encontram nela a confirmação da sua validade.

### A INTERNACIONAL COMUNISTA

Colecção «Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional». Código: 62.06. Preço: 50\$00

(1.º volume). Esta obra, preparada pelo Instituto do Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS, transmite-nos a experiência da Internacional Comunista, património do movimento comunista internacional e de todas as forças revolucionárias, que dela se servem na sua luta pela paz, pela democracia, pela independência nacional e pelo socialismo.

### CURSO ELEMENTAR DE ECONOMIA POLITICA

(2.º volume), de Lev Leontiev  
Colecção «Elementos Fundamentais do Comunismo Científico». Código: 22.09. Preço: 40\$00

O socialismo e o comunismo: economia de transição, bases materiais do socialismo, desenvolvimento planificado, princípios socialistas da repartição, criação dos fundamentos do comunismo. O sistema económico socialista mundial.

### V.I. LENINE (pequena biografia)

por um colectivo de autores  
Colecção «Cadernos de Iniciação ao Marxismo-Leninismo». Código: 21.14. Preço: 50\$00

Enriquecida com uma introdução de Rodney Arismendi, esta excelente biografia de Lenine permite-nos um conhecimento objectivo das principais etapas da vida e da obra do guia e mestre dos trabalhadores de todo o mundo.

### DOCUMENTOS DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

Colecção «Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional». Código: 62.09

Colectânea de documentos do PCB do período compreendido entre 1960 e Dezembro de 1975, incluindo as resoluções do V e VI Congressos. Textos fundamentais para o conhecimento da luta da classe operária e de todas as forças revolucionárias e antifascistas do Brasil nas difíceis condições da luta contra a ditadura fascista.

### INTRODUÇÃO À DIALÉTICA MARXISTA — II

Colecção «ABC do Marxismo-Leninismo» — Série B, n.º 5. Código: 24.05. Preço: 10\$00

As forças motoras do desenvolvimento. Desenvolvimento na luta dos contrários. Contradições antagónicas e não antagónicas. Inclui um texto de Lenine sobre a dialética.

### A DOCTRINA MARXISTA DAS CLASSES E DA LUTA DE CLASSES — I

Colecção «ABC do Marxismo-Leninismo» — Série A, n.º 6. Código: 23.06. Preço: 10\$00

Conceitos básicos da teoria marxista da luta de classes. As classes sociais através da história. Análise dos motivos da divisão da sociedade em classes. O conceito leninista de classe social. O papel da classe operária na luta de classes.

### ECONOMIA — QUESTÕES ECONÓMICAS E SOCIAIS N.º 4

Número especialmente dedicado à análise e crítica do Programa de Governo do PS. Preço: 20\$00

### RECORDAÇÕES DOS ANOS DIFÍCEIS

Miguel Wager Russell  
Colecção «Resistência». Código: 41.07. Preço: 50\$00

A história do sinistro campo de concentração narrada como só o pode fazer quem lá passou longos anos de sofrimento e luta. A vida no campo. O trabalho forçado. A repressão, a «frigideira». As fugas frustradas. Os directores, os guardas, os médicos. A destruição deliberada da vida dos presos. A morte de Bento Gonçalves. Uma contribuição de valor para a história do Tarrafal.

### REVISTA INTERNACIONAL

N.º 8, Agosto de 1976. Preço: 20\$00

Principais temas deste número: «Pela paz, a segurança, a cooperação e o progresso social na Europa» — Conferência dos partidos comunistas e operários da Europa; o estilo leninista no trabalho do PCUS; o sectarismo ultrasquerdista hoje — causas do seu aparecimento; Índia: prevalecem as tendências positivas.



# EDIÇÕES «AVANTE!» : PRESENTE!

A literatura revolucionária, manancial da experiência da luta dos povos e do movimento comunista e operário internacional, arma indispensável no combate ideológico, terá, naturalmente, um lugar de destaque na Festa, através da participação das Edições «Avante!». Sobre esta participação fala-nos o camarada Francisco Melo, responsável pela actividade editorial.

### P. Como encaram as Edições «Avante!» a sua participação na Festa?

R. Apoiadas como sempre no Povo português e usando da valiosa experiência militante da luta antifascista, as Edições «Avante!» iniciaram há pouco mais de dois anos a difícil tarefa de difundir massivamente a literatura revolucionária. Neste espaço de tempo publicaram mais de 150 títulos, numa tiragem total de dois milhões e quinhentos mil exemplares, número que não tem qualquer paralelo na actividade editorial portuguesa.

Esses dois milhões e meio de livros também fazem parte do combate intransigente do Povo português pela democracia e o socialismo, pois ajudam a criar as bases teóricas imprescindíveis para sustentar a prática revolucionária.

Frete à escalada reaccionária e à propaganda anticomunista, às confusões e divisões que o reformismo e o ultra-esquerdismo procuram estabelecer entre os sectores menos esclarecidos do Povo português mais necessário se torna transmitir os conhecimentos e métodos científicos que sirvam ao proletariado e aos seus aliados de guia na luta pela construção de uma democracia a caminho do socialismo.

Na frente do combate ideológico, as Edições «Avante!» não podiam deixar de prestar toda a atenção, dentro das suas possibilidades, à sua participação numa grande manifestação de massas como sendo a Festa do «Avante!»

### P. É essa a razão que explica que as Edições «Avante!» fossem a primeira organização a iniciar a montagem das suas instalações, não é verdade?

R. Sim, iniciámos há já bastante tempo a montagem do nosso pavilhão, que foi o primeiro a ganhar forma aqui nas instalações da FIL e que se encontra praticamente concluído. Mas isso é apenas um aspecto do problema.

Além dele, temos o do funcionamento durante os dias da Festa. Para se ter uma noção da sua complexidade basta dizer que mobilizará cerca de oitenta camaradas!

Por outro lado, programámos toda uma série de iniciativas de animação do pavilhão e de promoção das nossas edições, especialmente das novidades que apresentaremos.

Assim, e só para referir alguns aspectos, no pavilhão das Edições «Avante!» na Cidade do Livro e do Disco haverá sessões contínuas de autógrafos pelos escritores comunistas por nós editados e pelos redactores da revista **Economia — Questões Económicas e Sociais**. Será também projectado um filme sobre a **Revista Internacional** (à qual dedicaremos uma exposição à parte) e **sídes** relativos às nossas edições. Distribuiremos ainda um novo catálogo, em que se resumem em linguagem simples os aspectos principais de cada livro. Assim, este catálogo poderá servir de orientação clara a todos os interessados em conhecer, estudar e aprofundar os princípios do marxismo-leninismo, os problemas do movimento comunista internacional, os aspectos mais essenciais da sociedade portuguesa, da luta do seu Povo, particularmente da classe operária e da sua vanguarda — o Partido Comunista Português — pela criação das condições para construir o socialismo.

### P. Uma pergunta que sem dúvida interessará aos visitantes: serão feitos descontos na venda dos livros?

R. Sim, iremos fazer descontos nos moldes das feiras do livro. E daremos brindes, particularmente às pessoas que responderem ao **Inquérito** que iremos fazer.

### P. Quais os objectivos do inquérito?

R. Destina-se a conhecer melhor a opinião dos nossos leitores acerca das nossas edições para podermos aperfeiçoar o nosso trabalho, para podermos corresponder mais eficazmente às necessidades sentidas pelos nossos leitores, razão de ser da nossa actividade.

### P. Falaste há pouco em novidades...

R. Aproveitaremos a Festa para um grande lançamento

de novidades. Destas podemos destacar:

— **Contribuição para o Estudo da Questão Agrária**, de Álvaro Cunhal.

Esta obra fundamental para a compreensão dos problemas da agricultura portuguesa será considerada «Livro da Festa» e objecto de uma promoção especial.

— **V.I. Lenine (pequena biografia)**, de um colectivo de autores. Enriquecida com uma introdução de Rodney Arismendi, esta excelente biografia de Lenine permite-nos um conhecimento objectivo das principais etapas da vida e da obra do guia, e mestre dos trabalhadores de todo o mundo.

— **A Internacional Comunista**. Esta obra preparada pelo Instituto do Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS, transmite-nos a experiência da Internacional Comunista, património do movimento comunista internacional e de todos os revolucionários, que dela se servem na sua luta pela paz, pela democracia, pela independência nacional e pelo socialismo.

— **Curso Elementar de Economia Política (2.º volume)**, de Lev Leontiev. Com a publicação do 2.º volume completamos a edição deste livro em que se expõem de uma maneira simples e concisa as bases económico-sociais do capitalismo, do imperialismo, do capitalismo monopolista de Estado e do Socialismo.

— **Economia — Questões Económicas e Sociais**, n.º 4. Trata-se de um número de grande actualidade política, pois é integralmente dedicado à análise e crítica do Programa de Governo apresentado pelo PS.

### P. Conflantes, pois, num grande êxito?

R. Sem dúvida. A este respeito cabe dizer, como já temos referido, que as Edições «Avante!», porque editora de um Partido de massas e ao serviço dessas mesmas massas, vieram revolucionar o mercado tradicional do livro, quer quanto ao público quer quanto aos circuitos de distribuição e venda. Na verdade, os nossos livros ultrapassaram o reduzido âmbito da pequena burguesia com acesso à cultura e saíram das estantes das livrarias para a banca de rua e à porta do comércio, para o local de trabalho e para o pavilhão de feira e de festa populares: subiram ao povo! Essa a base sólida da nossa confiança.

# POLÍTICA, CULTURA, INFORMAÇÃO

Temos insistido com alguma frequência nestas páginas na parte artística da Festa do «Avante!». E é legítimo que o façamos. Nos espectáculos a realizar nos dias 24, 25 e 26 na FIL e mesmo nos que já no próximo domingo se iniciarão no Porto, para depois prosseguirem, nos dias seguintes, em Coimbra, Beja, Faro e Barreiro, intervem um conjunto de nomes jamais reunido no nosso País. Nunca tantos e tão destacados artistas de tantos países (incluindo dezenas dos países socialistas) participaram entre nós num programa como aquele que agora vai ser possível. Sem dúvida que iremos assistir ao maior espectáculo ou, melhor, ao maior conjunto de espectáculos jamais realizado em Portugal!

Mas a Festa do «Avante!» não será «só» isso. Será muito mais. Já não falamos na alegria e no entusiasmo, nas horas, nos dias de convívio e confraternização que a iniciativa vai proporcionar. É que a Festa do «Avante!» será também uma grande jornada política e cultural, de informação e troca de experiências — e também a este respeito, com orgulho o dizemos, ela não tem precedentes.

É evidente que a própria parte musical do programa englobará estes aspectos. Mas eles ressaltarão igualmente de outras importantes actividades, estarão presentes em diversas iniciativas, das quais apenas uma pequenissima parte aqui temos referido.

Os debates políticos com membros da direcção do Partido, a grande banca de venda de livros e discos, no diálogo vivo com os seus autores, a exposição sobre o «Avante!» clandestino e as muitas outras, espalhadas pelos vários «stands» acerca de aspectos específicos da luta dos comunistas e do nosso povo, a grande exposição sobre a história do Partido Comunista Português, os pavilhões da juventude, o grande espaço dedicado à Reforma Agrária e às outras conquistas da Revolução, os inúmeros pavilhões em que, de múltiplas formas, estará presente a actividade das organizações e dos militantes do nosso Partido — eis uma série de pretextos que os milhares de participantes na Festa terão para a troca de ideias e a discussão política, o enriquecimento cultural, o aumento de conhecimentos e a recolha de informações não só sobre o Partido mas também sobre o próprio processo revolucionário.

E há ainda, além das surpresas que não revelaremos,

a Cidade Internacional, local privilegiado para um conhecimento mais directo dos êxitos e dos avanços dos países socialistas, da luta sem tréguas dos povos ainda sujeitos à opressão, da construção do progresso e da justiça nos novos países africanos.

Jornada de cultura e de informação, de alegria e entusiasmo, de convívio e confraternização, a Festa do

«Avante!» será também um grande acontecimento político que, nas vésperas de um outro que assinalará um marco histórico na vida do nosso Partido — o VIII Congresso — reforçará a coesão dos comunistas portugueses e demonstrará a sua determinação em, na base de uma ampla unidade popular e antifascista, avançar na construção de um Portugal mais justo, próspero e pacífico.

## PARTICIPAÇÃO E SOLIDARIEDADE NA FESTA DE «L'HUMANITÉ»

O recinto da Courmeuve, em Paris, foi mais uma vez palco da grande manifestação de massas e da solidariedade internacionalista que é todos os anos, em Setembro, a Festa de «L'Humanité» órgão central do Partido Comunista Francês. Mais de um milhão de entradas, 6000 adesões ao Partido e 8000 à Juventude Comunista denotam bem a grandeza da Festa do PCF que é também uma grandiosa festa popular para todos os trabalhadores franceses.

A repercussão mundial que sempre adquire esse fim-de-semana de Setembro teve também este ano o seu sinal bem patente nas delegações e nos visitantes de todo o Mundo. Os partidos comunistas irmãos que se

fizeram representar em Paris e lá levaram os seus **stands** deram à Festa o seu carácter internacionalista. O «Avante!» esteve presente, como nos dois anos anteriores, integrando-se nos festejos, levando aos nossos camaradas e a todos os trabalhadores franceses alguma da nossa realidade, da realidade portuguesa de hoje. E levou também a esperança que os trabalhadores portugueses põem nas lutas do presente e de amanhã para a consolidação da democracia rumo ao futuro socialista.

A elevada qualidade artística da Festa foi uma constante de relevo. Outra foi a intensa participação da juventude e o entusiasmo com que recebeu as manifestações culturais de

### FESTA DO «DRAPEAU ROUGE»

O órgão central do PCP



## VIVIDA INTENSAMENTE POR TODO O PAÍS A SOLIDARIEDADE COM O POVO CHILENO

Desde o 11 de Setembro de 1973, data trágica para os trabalhadores de todo o mundo e para as forças amantes da paz, que uma era de crimes, de opressão, de miséria, de torturas e de fome se abateu sobre o povo chileno. O povo português que conheceu durante quase meio século o fascismo e a repressão e que recebeu provas de solidariedade e de estímulo na sua luta de resistência, vive hoje, intensamente, a solidariedade com o sacrificado povo chileno. A demonstrá-lo as iniciativas que, este ano, por todo o País mobilizaram milhares e milhares de trabalhadores num grito de protesto e combate contra a ditadura chilena e contra o imperialismo seu suporte.

A morte de Luis Figueira, entretanto ocorrida,

distrito, pela União dos Sindicatos de Beja e pelas Comissões Directivas das Unidades Colectivas de Produção Agro-Pecuárias dos concelhos de Odemira, Vidigueira e Almodôvar que se encontravam, na altura, reunidas em plenário. Ainda em Beja, a delegação da CUT visitou a "Margem Esquerda", unidade colectiva onde confraternizou com os trabalhadores que lhes demonstraram inequivocamente a sua solidariedade militante.

A delegação da CUT, durante a sua estadia no nosso País, visitou também os estaleiros da Lisnave onde foi

comício realizado no passado dia 11, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, que se encontrava repleto. Esta realização constituiu um grandioso testemunho da unidade internacionalista, sublinhada nas diversas intervenções.

Constituindo a mesa, além dos representantes do Secretariado da Intersindical e dos dirigentes da CUT, encontravam-se elementos do Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa e da União dos Sindicatos do Sul. Outros sindicatos de todo o País manifestaram a sua solidariedade através de diversas mensagens lidas

português e o povo chileno, vieram-se nesta semana de solidariedade das massas populares portuguesas. Daí

a vibração com que as massas trabalhadoras clamaram por todo o País: "O Chile Vencerá".

## MOÇAMBIQUE ABERTO À COOPERAÇÃO E AMIZADE COM O POVO PORTUGUÊS

Em Moçambique segue-se com grande interesse a luta do povo português pela consolidação da democracia. A visita de uma delegação da Associação de Amizade Portugal-Moçambique reforçou os laços de fraternidade entre os dois povos

**Unidade, Trabalho, Vigilância** — palavras de ordem da FRELIMO sob as quais o Povo moçambicano está a levar a cabo a esforçada tarefa de construir um país, de criar a sua própria nação.

A unir as diferentes etnias que de norte a sul constituem a escassa e tão heterogénea população de Moçambique existe a profunda vontade comum de resolver os mais graves problemas deixados pelo fascismo — fome, nudez e analfabetismo.

As necessidades, materiais e humanas, são imensas. O perigo da ingerência imperialista está longe de estar afastado.

Por isso mesmo toda a solidariedade e apoio dos povos e Estados amigos é bem recebida e extremamente necessária em Moçambique. Toda a cooperação será útil, desde que processada nos limites da igualdade e respeito mútuo.

A amizade entre os Povos português e moçambicano é um facto indelével. A ajuda que Portugal poderia — e deveria — prestar a Moçambique representaria para este país um contributo poderoso para o seu desenvolvimento. Assim a amizade dos povos tivesse



Os dirigentes da Associação de Amizade Portugal-Moçambique tiveram um encontro cordial com o camarada Samora Machel

paralelo entre os respectivos Estados.

Daquele grande país da África Oriental várias vezes têm chegado manifestações de desejo em estreitar os laços de amizade e cooperação com Portugal. Desejo que não tem encontrado eco nos órgãos do Poder, momento no que se refere ao VI Governo Provisório e ao actual Governo.

Em contrapartida, a imprensa estatal não se tem cobido em dar voz às mais vis calúnias que a reacção espalha sobre Moçambique livre e independente. Desde a existência de revoltas contra

o Governo e a FRELIMO, passando por supostas perseguições à população branca residente até ao caos reinante nas aldeias e cidades, tudo tem inventado. A realidade, porém, é bem distinta. Como o puderam comprovar recentemente o Presidente, o Secretário-Geral e o responsável pela Cooperação da Associação Portugal-Moçambique, respectivamente Silva Graça, Pedro Borges e António Gonçalves, que a convite da FRELIMO se deslocaram recentemente a Moçambique.

Recebidos pelo camarada Samora Machel e por outros

dirigentes, tiveram oportunidade de constatar uma vez mais o interesse que dedicam à evolução dos acontecimentos em Portugal — que demonstram conhecer bem — e o apreço que sempre manifestaram para o Povo português.

Mas a visita dos referidos dirigentes da Associação Portugal-Moçambique serviu, sobretudo, para lhes dar a conhecer a realidade actual ali existente. Não apenas na cidade do Maputo, onde embora todos os problemas com que se debatem a situação se pode considerar

normal, mas também no resto do território, em especial no norte, onde os problemas, as carências são extremamente graves.

A opinião dos visitantes é unânime — vive-se em Moçambique um ambiente de (re)construção nacional; aprende-se a viver em colectivo; planifica-se; re)estrutura-se; começa-se a viver com dignidade.

A criação de machambas — herdades colectivas — é um primeiro passo para a resolução dos problemas da fome, sendo ao mesmo tempo uma importante aprendizagem da vida em comunidade. Al trabalham não só as populações adultas como os alunos das escolas-pilotos que aliam o trabalho prático com a educação e cultura. Junto das machambas começam a surgir as aldeias comunais — que obedecem desde a sua fundação a um plano urbanístico director elaborado em conjunto com as populações —, início da resolução do problema habitacional.

A luta contra o analfabetismo é outra das grandes tarefas nacionais. Homens e mulheres de todas as idades aprendem a ler e a escrever em português, língua oficial. Ao contrário do que acontece em Portugal, onde os actuais responsáveis censuram e retiram do ensino oficial os textos de Samora Machel, em Moçambique divulgam-se nas escolas obras de autores portugueses; desde Sotero Pereira Gomes a Sofia de Mello Breyner.

Trabalham na quele território, presentemente, cooperantes das mais diversas origens, como Itália, Inglaterra, Suíça, Holanda, dos países socialistas e até do Terceiro Mundo. Contudo, existe uma especial preferência pelos colaboradores portugueses, em especial devido ao facto de não haver o problema da língua.

Como salientaram os dirigentes da Associação de Amizade, numa conferência de imprensa em que deram conta das suas impressões de viagem, não há, de facto, qualquer ressentimento em relação ao Povo português. Muito pelo contrário, serão bem-vindos todos os verdadeiramente interessados em cooperar com o Povo moçambicano na sua tarefa de criar uma sociedade sem opressão, sem exploração, onde todos sejam iguais em deveres e direitos.

A mensagem de amizade que através dos visitantes portugueses o Povo de Moçambique envia ao nosso povo será transmitida aos responsáveis pelos destinos da nação. Assim como o desejo de cooperação entre os Estados. As vantagens que para Portugal adviriam das boas relações entre os dois países são por demais evidentes. Que o Governo de Mário Soares o saiba compreender.



O comício da Inter no Pavilhão dos Desportos, no momento em que se homenageava a memória de Luis Figueira

acontecimento este profundamente sentido pelos trabalhadores portugueses, e a presença de uma delegação da CUT (os dirigentes Benjamin Fredes e Augustin Muñoz entre nós, tornaram ainda mais emocionantes as jornadas de solidariedade para com o povo chileno promovidas pela Intersindical, por outras organizações progressistas e pelo movimento popular.

Do programa de solidariedade destacam-se algumas iniciativas. O Sindicato dos Trabalhadores Vitícolas da Marinha Grande editou um autocolante alusivo à luta do povo chileno, cujo produto de venda se destina a que os democratas e antifascistas do Chile sintam "não apenas a nossa solidariedade espiritual, mas também a nossa solidariedade material". O Sindicato da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas enviou um telegrama de apoio à CUT e de pesar pela morte de Luis Figueira. Os trabalhadores da Siderurgia Nacional organizaram um grandioso comício em que interviu Benjamin Fredes. Um comício juvenil organizado no Porto, nas instalações do INATEL, mobilizou milhares de pessoas. No dia 10, em Lisboa, no Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, Augustin Muñoz usou da palavra perante uma multidão enrouquecida no esforço de deixar bem claro a sua solidariedade inquebrantável para com o povo chileno. No mesmo comício falou Álvaro Rana, do Secretariado da Intersindical, que caracterizou o apoio dos trabalhadores portugueses à luta do povo chileno como "uma constante determinada pela nossa fidelidade aos princípios internacionalistas e pela nossa experiência acumulada, ao longo de 48 anos, de quanto vale a solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo para os povos que têm de se bater contra o fascismo e o imperialismo".

Também a União da Juventude Comunista e a União dos Estudantes Comunistas manifestaram o seu apoio ao povo chileno com um comício-festa realizado em Pias e outras realizações que mobilizaram vastas massas populares.

recebida pela Comissão de Trabalhadores e por delegados sindicais, tendo alcançado no referitório. Estes contactos com elementos do proletariado rural, do campesinato e do proletariado industrial constituíram uma rica troca de experiências e, se

**LUÍS FIGUEIROA**  
Morreu o camarada Luis Figueiroa, presidente da Central Única de Trabalhadores do Chile (CUT), hoje ilegalizada, e antigo ministro do Trabalho do Governo de Unidade Popular.

Três anos após o golpe fascista que ensanguentou o Chile, um Chile em que o terror e a miséria continuam a ser rotina, morre um dos grandes dirigentes das massas trabalhadoras deste país. A sua morte, como a sua vida, são um elemento da luta contra o regime terrorista hoje implantado. São uma pedra na construção do Chile do futuro, do Chile que saberá aproveitar as múltiplas lições do Governo de Unidade Popular, em que Luis Figueiroa participou activamente com o seu trabalho incansável.

Luis Figueiroa morreu com as massas trabalhadoras por que viveu e lutou. Um combate que continua. Em que outros construirão um sonho que é de todo o povo chileno. O sonho que foi parte integrante da vida do camarada agora falecido.

possível, vêm reforçar ainda mais o espírito de internacionalismo proletário que une os trabalhadores de ambos os países.

A semana de solidariedade para com o povo chileno promovida pela Intersindical Nacional teve um momento de grande significado no grande

**"O CHILE VENCERÁ"**

A semana de solidariedade para com o povo chileno promovida pela Intersindical Nacional teve um momento de grande significado no grande

## FACIM 76 — UM ÊXITO

Como oportunamente anunciámos, realizou-se na República Popular de Moçambique o 12.º certame da FACIM — Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Moçambique.

Organizada pela segunda vez após a independência, a FACIM actual difere substancialmente da que se vinha realizando desde 1964 por iniciativa do colonialismo português e onde — não obstante a designação de Feira Internacional que lhe era dada — apenas participavam a África do Sul e a Rodésia.

Ponto de encontro da classe dominante — a burguesia —, até Abril de 1974 a Feira estava inteiramente ao serviço dessa mesma classe. Com o 25 de Abril ensaiaram-se os primeiros passos para a colocar ao serviço do povo moçambicano e com a FACIM-75 conseguiu-se já uma verdadeira internacionalização do certame, em que participaram dezasseis países estrangeiros.

No Moçambique independente, novas perspectivas se abrem a esta iniciativa. A este propósito, o "Avante!" ouviu o camarada Américo Magala, director da Feira.

"AVANTE!" — Qual o significado e importância da FACIM para Moçambique?

A.M. — Com a mudança socio-económica verificada na RPM houve uma transformação na direcção da FACIM, cujo director abandonou a empresa, que se tornou uma sociedade de economia mista. A nova estrutura do país permitiu que a Feira tomasse uma nova orientação, de acordo com a linha política que existe na RPM.

Trabalhou-se para que a feira pudesse ser uma amostra das conquistas dos operários e camponeses logo no primeiro ano de independência. A onda de boatos foi enorme e houve quem duvidasse da sua realização.

Na Feira de 1976 verificou-se um aumento da participação estrangeira mas ressentimento-nos da situação socio-económica: muitas empresas fecharam e houve sabotagem. Em compensação, recebemos uma atenção especial por parte do Governo.

Neste ano estiveram representadas as empresas com Comissões Administrativas, empresas essas que aumentaram a sua produção, estando já a exportar-se muitos dos seus produtos. Conseguimos mostrar o trabalho realizado pelo povo e a capacidade de aliança das classes operária e camponesa.

Pela primeira vez atingimos o objectivo do certame — fazer da feira não só um ponto de encontro de homens de negócio, mas também um centro dinamizador comercial entre os países participantes. Conseguimos, inclusivamente, que certos produtos que países africanos adquiriam normalmente na Europa, passem a ser comprados na RPM (caso do mobiliário metálico).

# SEMANA INTERNACIONAL

## EM NOME DE HELSÍNQUIA FOMENTA-SE A GUERRA-FRIA

Em nome da paz, com a boca cheia dos princípios de Helsínquia, dirigentes de vários países do sistema capitalista mundial abrem as portas da guerra-fria. Os esforços são múltiplos. Ridículos ou provocatórios. Mas todos trazem uma marca comum. O medo da paz que se constrói, que cria novos obstáculos à livre actuação do imperialismo, que porá travão a uma acentuada corrida aos armamentos.

Em Frankfurt, Willy Brandt declara — "Não queremos voltar às trincheiras da guerra-fria", "ninguém quer outra vez a guerra na Alemanha", "queremos uma Europa de paz que, quando tiver sido realizada, sirva de base a uma melhor realização do diálogo Norte-Sul". Mas é às suas ordens que as provocações na fronteira de Berlim se multiplicam, que se tenta recriar uma zona de tensão, esbatida com o acordo quadripartido sobre Berlim-Oeste. E no mesmo momento que proclama desejos de paz, afirma a necessidade de manutenção da Aliança Atlântica, "à qual é preciso fornecer esforços tenazes e desprovidos de ilusões". Mas a "paz" pelo reforço das armas tem o nome vulgar de guerra-fria, essa guerra-fria que o sr. Willy Brandt diz não desejar.

Apontando o seu "papel construtivo" na aplicação dos acordos de Helsínquia(!), Kissinger envia uma mensagem às rádios provocatórias "Liberdade" e "Europa Livre", por ocasião da conferência dos empregados destas rádios. Rádios sob o controlo e a soldo da CIA. Rádios que incluem entre os seus efectivos antigos elementos da Gestapo. Rádios que têm como exclusivo papel vomitar ignomínias sobre o mundo socialista, caluniar o processo de distensão internacional, atacar todas as forças revolucionárias, elogiar todos os regimes ao serviço do imperialismo, interferir nos problemas internos de todos os Estados — num atentado permanente às conclusões de Helsínquia, que só se poderiam materializar na destruição de tais órgãos de desinformação. Mas talvez "Liberdade" e "Europa Livre" saibam tecer os elogios necessários à corrida armamentista, ao escandaloso projecto de venda de armas pelos EUA, no valor de 200 milhões de contos. Tudo em nome da "paz", como é evidente... Em nome dos princípios de Helsínquia.

A provocação é parte integrante do clima necessário para uma escalada da guerra-fria. E no campo da provocação, a imaginação do imperialismo é fértil. E o despudor não tem limites. O anticomunismo é a pedra de toque por que se alinham histórias de deserções e verdadeiros actos de pirataria internacional.

O jovem nadador soviético, de 17 anos de idade, para quem se quis montar uma "deserção" em plenos Jogos Olímpicos, está hoje na sua cidade de Alma Ata. Levado enganado para um centro de emigração, o jovem atleta foi drogado de tal forma que não conseguia compreender o que lhe diziam os funcionários do Consulado Soviético. Ficou depois provada a existência de uma rede com a missão específica de "desviar" atletas dos países socialistas. O rapto constitui um elemento rotineiro na prática de provocação das forças da reacção.

Em Setembro, a provocação anti-soviética atingiu um grau particularmente elevado. Por falta de combustível, um "Mig-25" aterrou em território japonês. Imediatamente cercado por agentes da polícia, o primeiro-tenente aviador Viktor Ivanovich Belenko tentou defender-se a tiro. Neste momento, Belenko está incomunicável e sujeito a interrogatórios policiais. Esta primeira versão dos factos, divulgada pelas autoridades japonesas. Mas era uma versão inócuca, que não permitia grandes margens de manobra. Então surge outra — o governo do Japão declara que o piloto soviético pediu "asilo político" aos Estados Unidos. Peritos em negócios pouco escrupulosos, não há naturalmente nenhuma razão para que dirigentes japoneses não se aprestem a colaborar com a provocação. Tudo leva a crer que haja preparativos para enviar Belenko para os EUA. E sufocar em silêncio mais uma montagem de "deserção".

Mas a provocação vai mais longe — raia a pirataria internacional. Governo japonês, NATO, Estados Unidos, passaram a considerar o "Mig-25", apontado como o avião mais avançado do mundo, presa sua. Peritos japoneses e técnicos do Departamento de Defesa norte-americano, estão já a inspecionar o aparelho. A NATO pediu particularmente ao governo japonês para examinar também o "Mig-25". A embaixada da URSS é sistematicamente negado o imediato acesso ao aparelho e o contacto com o piloto soviético. O anticomunismo leva longe a audácia da provocação.

A guerra-fria é uma ameaça que tenta enraizar-se. Multiplicando provocações. Muito em particular desenvolvendo até à exaustão a teoria da "paz" sob a guarda das armas. A única "paz" possível segundo o imperialismo. Na verdade, a única "paz" que se coaduna com a defesa dos seus interesses.

Face aos esforços da reacção internacional, para comprometer o muito que foi conseguido em Helsínquia, cume de um labor intenso e paciente de anos a fio, ganha uma nova premissa a luta pela verdadeira paz. Aquela que, por toda a parte do mundo, une numa luta consequente cada vez mais largos sectores da população de todos os países. A que constitui uma ameaça aos interesses do capital, ameaça pesada que a reacção internacional se esforça em vão por esconjurar.

# URUGUAI: SOB A CAPA DA DEMOCRACIA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FASCISMO

### O governo do Uruguai fala de democracia, enquanto acentua as medidas repressivas, tornando-as extensivas a sectores que estão longe da esquerda

As primeiras declarações do «novo» presidente do Uruguai estão carregadas de ameaças. Uma «depuração cívica» na administração pública e na Universidade, uma ampla lista de proscritos por motivos políticos, a eliminação da autonomia do poder judicial, transformando-o em mera dependência de um poder executivo que faz do arbítrio lei e dos interesses do imperialismo a medida dos seus próprios interesses.

Estas as «promessas». A prática não fica atrás. A fome, uma crescente carestia de vida, mantêm-se como constantes inalteráveis. As reivindicações salariais são consideradas crime. O gangsterismo político é norma, como a tortura, que chega ao assassinato. Prossegue o processo de desnacionalização e de entrega ao capital estrangeiro de importantes sectores da economia nacional. Fábricas de ácido sulfúrico e de sulfato de alumínio foram vendidas à firma Morris, SA, uma fábrica de éter e ácido nítrico ao laboratório Gama, uma fábrica de sulfato de cobre à Fanaprouqui-SA (que está a desmantelar as torres de produção, pondo a n.º seu objectivo na compra — eliminar a concorrência). A indústria química estatal é desmantelada em benefício do capital estrangeiro. Os salários dos trabalhadores públicos baixaram entre 1974 e 1975, 18,4%.

Depois de uma intensa campanha de propaganda, o regime uruguai publicou o seu projecto de reforma

constitucional, com o que pretende surgir com uma face «democrática» (o que não espanta, se atendermos a que Pinochet também fala de democracia). O projecto, apresentado sob o título de «democracia participante», é uma má cópia do modelo corporativo, elaborado por Mussolini e particularmente bem conhecido pelo Povo português. Uma estrutura política de submissão dos interesses das massas trabalhadoras aos do patronato, de anulação de quaisquer liberdades para as massas populares, pela negação dos interesses antagonísticos de classes. O corolário lógico de uma política de repressão, sob a capa da comunhão de interesses «nacionais».

De acordo com o projecto constitucional, começou a funcionar a partir deste mês, no Uruguai, um Conselho da Nação, com base no actual Conselho de Estado. Simultaneamente, Aparicio Mendez — designado para este posto pelas altas instâncias militares, que são na realidade quem determina a política do país — tomou posse como presidente do Uruguai.

O Conselho da Nação, herdeiro e irmão gêmeo do anterior Conselho de Estado, tem como principal função a elaboração de uma nova Constituição. Entretanto, o presidente Mendez governará por «actas constitucionais», sistema que vem sendo utilizado há treze anos pelos militares, já com raízes de tradição portante.

O Governo Provisório que governou desde a destituição de Bordaberry até à posse de Mendez, promulgou duas «actas constitucionais». Pela primeira vez foram indefinidamente adiadas as eleições gerais previstas para este ano. A segunda determinou a constituição do chamado «Conselho da Nação», organização meramente decorativa, sem poder executivo nem legislativo.

O novo presidente, Mendez, pela primeira medida legislativa tomada, define bem o conteúdo da política que norteará o seu mandato. A terceira «acta constitucional» elaborada, priva dos direitos civis e políticos (a despeito da inexpressividade de tais «direitos sob o fascismo») mais de 10.000 pessoas, em particular dirigentes da oposição. Para além da acentuação das medidas repressivas contra a esquerda, visa-se «limpar» os partidos burgueses Nacional e Colorado de todas as personalidades mais progressistas e colocar à sua cabeça pessoas perfeitamente identificadas com o pensamento de linha política das autoridades militares, ao serviço do imperialismo ianque. Tudo aponta para a institucionalização de um sistema político bipartidário, em que os dois partidos legalmente admitidos terão exactamente a mesma cor, e se distingam por idêntica fidelidade a um governo ao serviço do capital estrangeiro — dando, entretanto, um toque «pluralista» à capa «democrática» a ocultar

a estrutura fascista. Também a ambigua independência do poder judicial é assim aniquilada pela directa intervenção do executivo, afastando da vida política legal todos os que possam constituir minimamente um obstáculo. Dentro de pouco tempo o Uruguai terá um ministro da Justiça sob directo controlo dos militares. A institucionalização do Conselho de Segurança Nacional, entre outras medidas, evidencia a crescente hegemonia militar em todo o aparelho de Estado uruguai. Actualmente, os militares controlam directamente o Ministério do Interior, os postos-chave dos outros ministérios e estão representados em todas as esferas da actividade pública. Brevemente passarão a dirigir a Banca da República e a Administração-Geral de Combustíveis, assim como a quase totalidade dos departamentos do Uruguai.

A institucionalização do fascismo ganha formas que pretendem ser mais eficientes. Mas o alargamento do leque repressivo não é de molde a garantir uma base social mínima de apoio ao fascismo. Antes tenderá a restringi-la e a alargar as fileiras da frente nacional contra o governo da direita. A paródia de democracia acabará por se voltar contra os mesmos que a tentaram institucionalizar ao seu serviço. O povo do Uruguai, que conta com ricas tradições de luta e sabe o valor da democracia real, alargará a base da resistência organizada. Será dele a última palavra.

# MANIFESTAÇÕES EM ESPANHA CONTRA MAIS UM ASSASSINATO

### 31 mortos pelas forças policiais, desde a morte de Franco. Esta a verdadeira face dos desesperados esforços para apresentar Espanha como país "democrático"

A senda repressiva segue livremente o seu curso em Espanha, harmonizando-se sem sobresaltos com o regime de "liberdade" condicionada que parece ser a tónica da política de imprensa aberta do governo de Suarez.

Utilizando pesados bastões, granadas de gás lacrimogénico e balas de borracha, a polícia voltou a carregar sobre uma multidão de manifestantes, nos arredores de Bilbao, ferindo mais de vinte pessoas. As manifestações tiveram lugar durante uma greve de protesto, envolvendo muitos milhares de pessoas no país Basco, contra o assassinato de um jovem, abatido pela guarda civil durante uma manifestação nacionalista basca. As greves tinham sido convocadas para as províncias bascas pelas Comissões Operárias e outras organizações de trabalhadores. Por outro lado, a polícia multiplicou violentas cargas contra os participantes na "Marcha da Liberdade".

De há muito as prisões espanholas superaram o "déficit" das poucas libertações operadas à sombra

de uma "amnistia" fantasma. Nas contas da guarda civil, vão-se somando os assassinatos dos que lutam pela verdadeira liberdade de Espanha. O jovem Zabala, agora morto no país Basco, é a 31.ª pessoa a ser morta pelas forças policiais desde que o ditador Franco morreu, em Novembro do ano passado. No campo da repressão, nada se alterou.

O conteúdo das promessas de Suarez é apontado por todas as forças de oposição espanholas como o manifestadamente insatisfatório e confuso.

A solução do problema da autonomia do país Basco e da Catalunha, é atirada para depois das eleições legislativas. O rei surge como o "garante" do cumprimento das medidas aprovadas por vontade popular. Um pobre "garante". O direito de associação sindical, acenado como importante e renovadora medida, já foi frontalmente criticado pelos trabalhadores espanhóis. As "Comisiones Obreras" consideram que o projecto governamental é de

regeitar totalmente, pois prevê que as associações sindicais ficarão na dependência do Ministério das Relações Sindicais, o que significa, na prática, o controlo da estrutura sindical pelo patronato.

Opondo-se às falsas soluções, com que se pretende estruturar um repressivo colete de forças com aparência de democraticidade, os trabalhadores espanhóis estão particularmente activos no campo sindical, forjando uma união das forças de esquerda com o objectivo de combater a direita. Assim, as centrais sindicais mais importantes do país — que o "liberal" governo de Suarez continua a considerar clandestinas — decidiram coordenar todas as suas acções, numa reunião recentemente efectuada, em que participaram, entre outras,

as "Comisiones Obreras" e a União Geral dos Trabalhadores.

Reunida em Estrasburgo, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, debate, entretanto, a actual situação política espanhola, a chamada "evolução social e política", e muito naturalmente os obstáculos que as massas trabalhadoras de Espanha estão a levantar a uma calma institucionalização de uma ordem "democrática" de fachada, com a paz alicerçada na exploração e submissão dos trabalhadores e numa repressão que não conhece tréguas. Discutir-se-á também o pedido do governo de Madrid para a entrada da Espanha no Conselho da Europa. Uma Europa ansiosa por reabrir os braços ao fascismo espanhol.

## CHIPRE: GRANDE VITÓRIA DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS

A política internacional do imperialismo está indierectamente ligada à existência de centros de tensão no mapa do nosso planeta. É o imperialismo que fomenta tais centros, que se esforça por os multiplicar em miríades de fogos que ponham a Humanidade à beira do abismo, justificando assim o equilíbrio instável que abre portas à linguagem da guerra fria e que torna férteis as negociações com armas.

Chipre é um desses centros. Uma ilha que a Europa capitalista e os senhores da Casa Branca desejariam transformar numa base de apoio da NATO, passando por cima dos interesses dos seus povos.

Desmantelar Chipre, dividir o Estado cipriota, são objetivos por que a reacção internacional insistentemente se bate, ignorando todas as resoluções votadas pelo Conselho de Segurança e pela Assembleia Geral da ONU. As forças progressistas, em Chipre e a nível internacional, em particular os países socialistas com a União Soviética à frente, têm-se batido para que sejam respeitados os princípios de não ingerência, de independência, de soberania, de integridade territorial, do Estado cipriota. Têm-se batido

para que sejam os cipriotas a decidir dos seus assuntos internos em função dos interesses tanto da população grega como da população turca da ilha.

Realizaram-se há dias em Chipre, eleições para a Câmara de Representantes. As forças democráticas que apoiam o presidente Makários — e que englobam comunistas e socialistas — obtiveram 34 dos 35 lugares. O único candidato não pertencente à frente democrática, é um independente.

Trata-se de uma esmagadora vitória das forças democráticas, a absoluta rejeição, por parte do Povo cipriota, do antigo presidente Glafkos Clerides — que ocupou a presidência do Chipre após o golpe reaccionário de 1974, que afastou temporariamente do poder o arcebispo Makários e as forças políticas que o apoiam.

# SAUDAÇÃO AO PARTIDO TOUDEH DO IRÃO

O Comité Central do nosso Partido enviou uma saudação fraternal e solidária ao Partido Popular (Toudeh) do Irão que completa 35 anos de existência. Fundado em 1941, por iniciativa de um grupo de democratas e de comunistas recém-libertados da prisão, o Partido Toudeh realizou o seu primeiro Congresso legal em Agosto de 1944, tendo participado no Governo Democrático de 1945 a 1946 onde conduziu tenaz luta contra o imperialismo e a reacção. Em 1948, o Partido começou a ser alvo de uma dura repressão, na sequência da queda da democracia, muitas das suas organizações foram dissolvidas, a sua imprensa proibida. O II Congresso legal realizou-se já em condições difíceis. Em 1949 o Partido Toudeh é ilegalizado e entra na clandestinidade. Apesar da opressão o Partido desenvolveu uma importante mobilização e organização do povo iraniano na luta contra a Companhia Petrolífera Anglo-Iraniana, baluarte do imperialismo, e pela nacionalização da indústria do petróleo (1950-1953).

Em 1960 realizou-se a Conferência da qual resultou a unificação do Partido Democrático do Azerbadjan com o Partido Popular do Irão, tendo-se adoptado uma resolução segundo a qual, no país, devia existir um único partido da classe operária.

Em 1973 o Partido Toudeh adoptou um novo programa no qual se analisa profundamente a situação económica, política e social do país e se determina as tarefas essenciais. Hoje o Partido trabalha na ilegalidade sujeito a cruéis repressões que, no entanto, não quebram a organização de vanguarda revolucionária do povo trabalhador iraniano.

## SAUDAÇÃO

«Queridos camaradas: «Por ocasião do 35.º aniversário da fundação do Partido Toudeh do Irão, o Comité Central do Partido Comunista Português envia-vos calorosas e fraternas saudações, assim como a todos os comunistas e patriotas iranianos e à classe operária do vosso país.

Ao longo dos seus 35 anos de existência, o Partido Toudeh foi uma das principais forças dirigentes da Revolução democrática de 1945 e, mais tarde, na luta pela libertação e independência nacionais, contra as aspirações da reacção e do imperialismo.

Defrontando difíceis condições de luta e obrigado, sobretudo depois do golpe militar de 1953, à vida clandestina, o Partido Toudeh soube sempre resistir corajosamente à feroz repressão que visava destruí-lo e paralisar a luta popular do Irão.

Queridos camaradas: Os comunistas portugueses, empenhados na luta em defesa das conquistas revolucionárias alcançadas pelo nosso povo após o derrubamento do fascismo, a 25 de Abril de 1974, expressam a sua inteira solidariedade com a luta que neste momento travais para libertar o vosso país do regime despótico e reaccionário de Shah. Desejamo-vos os melhores êxitos na criação da Frente Democrática por vós proposta a todas as organizações patrióticas e progressistas do Irão interessadas nesse mesmo objectivo, de acordo com as aspirações do vosso povo, e na luta pela independência nacional e o progresso social do vosso país.

Fazemos votos, queridos camaradas, para que se reforcem os laços de fraternal amizade e de solidariedade militante que existem entre os nossos dois Partidos, na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e para que se desenvolvam as relações de amizade e de cooperação entre os nossos dois povos.

# NAZIS REUNIDOS NA RFA

No coração da Europa, a RFA constitui neste momento um centro de anticomunismo e provocação. Esta aliás a "tradição" de todos os países e zonas que, na sequência da Segunda Guerra Mundial, ficaram com tropas norte-americanas estacionadas no seu território. Uma "coincidência" rica de significado.

Ao longo da sua existência, a RFA sofreu algumas oscilações na sua política. Pelo impulso da conjuntura internacional, e por alterações no equilíbrio interno de forças, a RFA assumiu, como outros países capitalistas, posições mais realistas, tendo subscrito a acta final da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa, realizada há um ano em Helsínquia, e aceitando formalmente a realidade política da Europa subsequente à guerra.

Hoje a RFA surge, no contexto internacional, como uma das cabeças da reacção. São indimentáveis os esforços de ingerência na vida interna de outros países, nomeadamente Itália, e Portugal, por exemplo. É vinda a escalada da provocação na fronteira com a RDA.

O que se passa no interior das suas fronteiras não destoa da política externa. Nestes dias realizou-se em Wurburg, na Alemanha Federal, um congresso de antigos membros da "Divisão Carlos Magno" das SS nazis. Um dos organizadores da reunião declarou, antes desta se realizar, que esperava a participação de cem "antigos combatentes". O número não é muito significativo. O que é particularmente esclarecedor

é que num país que se diz democrático, defensor da paz e da liberdade, seja possível uma reunião de criminosos de guerra, responsáveis por inúmeros assassinatos, por crimes inenarráveis, 31 anos após a derrota do nazismo.

Hoje podemos contar à escala do planeta com vários discípulos de Hitler. Podemos sobretudo contar com milhares e milhares de discípulos das SS, que continuam a torturar impunemente, a assassinar, a aperfeiçoar métodos de destruição do ser humano, e, muito em particular métodos de destruição da personalidade, homens que têm como "ofício" transformar outros homens em farrapos pela traição, e para quem surge como uma aberração, os verdadeiros revolucionários que não se vergam. Na quase totalidade da América Latina, nos EUA, em zonas da África e da Europa, conhecem-se bem os frutos das experiências e das lições desses senhores.

E no entanto, hoje, numa RFA que assinou os acordos de Helsínquia, numa RFA que se permite pretender uma investigação internacional da "violação aos direitos do homem" na RDA, quando no interior das suas fronteiras, comunistas e homens de esquerda são perseguidos até no campo profissional, hoje é possível que nazis confraternizem, que criminosos de guerra se juntem na terra de onde deviam ter sido definitivamente banidos.

Nas terras onde se implantaram, as tropas dos EUA não deixaram bons frutos. Frutos que revelam os interesses defendidos na Casa Branca.

## SOCIEDADE CECOSLOVACA PARA AS RELAÇÕES COM O EXTERIOR

Celebra-se este ano, o 30.º aniversário da Sociedade Checoslovaca para as Relações com o Exterior, cujo objectivo consiste em cultivar e apoiar a colaboração internacional em todas as esferas da vida social. A S.C.R.E. está integrada num conjunto de muitas sociedades estrangeiras de amigos da Checoslováquia com as quais colabora estreitamente. Estas sociedades funcionam, hoje, em vários Estados da Europa, Ásia, África e América e desenvolvem actividades muito importantes em colaboração com a Sociedade Checoslovaca para as Relações com o Exterior, destacando-se a acção dos "Amigos da Checoslováquia" na Itália, França, Chipre, nos Estados escandinavos, na Índia, Japão e outros países.

**NÃO PINTCHA**

Arístides Pereira em Bissau para presidir

**NOVA IMPRENSA PARA UM PAÍS NOVO DA GUINÉ-BISSAU PARA PORTUGAL**

MAIS UMA DISTRIBUIÇÃO CDL

A venda nas já populares livrarias CDL

**NÃO PINTCHA UM JORNAL P'RA FRENTE!**



## ELES TAMBÉM TÊM DIREITO A IR A BELÉM VER O MUNDO!

Poucos dias nos separam já da Grande Festa do "Avante!". A expectativa é grande e o entusiasmo não é menor. Os preparativos entram na fase final.

Milhares e milhares de EPs foram vendidas por todas as organizações do Partido, de norte a sul do país.

Tu, camarada, que tens participado na preparação da Festa, que compraste a tua EP, achas que está tudo pronto para a grande jornada de alegria, amizade e solidariedade?

Pensa bem. Não é apenas um encontro de comunistas. É uma festa para todos os que lutam pela consolidação da democracia, rumo ao socialismo. Homens, mulheres, jovens; comunistas, socialistas, outros democratas e progressistas sem partido.

Será que quando compraste a tua EP te lembraste de todos os camaradas de trabalho, dos amigos de conversa, dos vizinhos e conhecidos eventualmente interessados em participar? E os que, por falta de esclarecimento, pensam que "é só para militantes"?

Lembra-te que vai ser uma festa como nunca houve outra, no nosso país.

Lembra-te que é uma oportunidade única para conhecer a música, a arte, a literatura, o cinema dos mais diferentes países do mundo.

Lembra-te que certamente há junto de ti quem ignore o que vai ser a nossa Festa.

E pensa como lamentarás se depois da Festa ouvires um amigo, um simples conhecido, dizer-te "que pena, se me tivesses dito como ia ser..."

Camarada, pensa em tudo isto, olha bem à tua volta, vai ao Centro de Trabalho da tua zona buscar mais EPs e vai vendê-las.

Vai dizer a toda a gente que conheces que a Festa do "Avante!", a nossa Festa, vai ser a Festa que Portugal nunca viu.

Ainda há EPs. Ainda tens sete dias à tua frente. Ainda há, com certeza, amigos e conhecidos a quem esqueceste de falar. Não percas mais tempo. Eles também têm direito a ir a Belém ver o mundo!



# UMA TRADIÇÃO DOS JORNAIS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

Pela primeira vez ao fim de 45 anos de existência, o nosso "Avante!" realiza a sua festa. Só por si, este facto reflecte as importantes mudanças da situação política após o derrubamento do fascismo, o muito que o nosso povo avançou no caminho difícil e complexo, ainda em curso, da construção no nosso país de uma verdadeira democracia apontada para o socialismo. Reflecte também o fortalecimento do nosso Partido e do seu órgão central, a sua cada vez maior implantação não só entre a classe operária e os trabalhadores em geral como nas mais amplas camadas do Povo português.

O nosso Partido transformou-se num grande Partido nacional, num grande Partido de massas que de há muito ultrapassou os cem mil membros e que conta com centenas de milhares de amigos e simpatizantes. O nosso "Avante!", de um pequeno jornal — pequeno no tamanho, mas grande nos seus objectivos e nos seus ideais e no papel desempenhado na luta popular — transformou-se num grande jornal, com uma das maiores tiragens da Imprensa portuguesa, lido com atenção e respeito não só pelos comunistas e outros democratas mas até pelos próprios inimigos da democracia.

O jornal que temos reflecte o Partido que representa. A festa que todos vamos promover será a imagem do partido e do jornal que soubemos construir. Por isso será uma grande festa!

### UMA TRADIÇÃO

Mas a Festa do "Avante!" não é uma "invenção" dos comunistas portugueses. As festas dos jornais comunistas e operários são uma tradição, todos os anos renovada e rejuvenescida, a que os nossos camaradas de outros países têm permanecido fiéis.

É o caso, por exemplo, dos camaradas franceses. A festa de "L'Humanité", órgão central do Partido Comunista Francês, remonta a 1930, ano em que o governo tomou uma série de medidas destinadas a dificultar a sua publicação. Formaram-se imediatamente os Comitês de Defesa de "L'Humanité" que, a fim de mobilizar a opinião pública e angariar fundos para o jornal, promoveram uma festa, que depois se passaria a realizar todos os anos, já com a denominação que ainda mantém. Hoje em dia, a Festa de "L'Humanité" é um dos maiores senão o maior acontecimentos artístico e cultural realizado anualmente em França.

Estas festas, mais do que iniciativas viradas para o próprio jornal, só ao seus leitores dizendo respeito, transformaram-se em grandes jornadas de confraternização, alegria e entusiasmo populares, e ao mesmo tempo importantes manifestações políticas e culturais, como aquelas ainda há pouco realizadas em Berlim (Festa do "Neues Deutschland", órgão central do Partido Socialista Unificado da Alemanha) e em Varsóvia (Festa do "Trybuna Ludu", órgão central do Partido

Operário Unificado da Polónia). Em ambos os casos, mais do que a festa de um jornal, a festa de todo um Partido, a festa de todo um povo amante da liberdade, da paz, da justiça e do socialismo.

### FESTA DA UNIDADE

Durante décadas sujeitos à mais feroz repressão, obrigados à dura vida da clandestinidade, forçados a editar a sua imprensa nas mais difíceis condições, vendo alguns dos seus mais queridos companheiros de combate pagar com a própria vida a sua inabalável firmeza na defesa das tipografias clandestinas — os comunistas portugueses não puderam, naturalmente, realizar a festa do seu jornal, a festa do seu Partido. Libertado Portugal do fascismo, e apesar da luta sem tréguas contra os que não desistem de tentar fazer andar para trás a roda da história ainda estar longe de ter terminado, isso tornou-se finalmente possível.

Dificuldades de ordem vária impediram que a iniciativa tomasse corpo mais cedo. Mas agora ela vai ser uma realidade. Tudo se apronta para que nos próximos dias 24, 25 e 26 a Festa do "Avante!" constitua uma inesquecível jornada dos comunistas portugueses. Mas não só dos comunistas!

A grande força dos comunistas, o "milagre" que fez com que o nosso Partido e o nosso "Avante!" tivessem sempre resistido às investidas da repressão, que contra eles assentava os principais golpes e mobilizava as principais forças, foi o terem sabido interpretar os verdadeiros interesses do Povo português, defendendo as suas mais profundas aspirações, identificando-se com os seus mais legítimos anseios.

A política de unidade, a recusa e a luta constante contra o sectarismo, têm sido, desde sempre, uma das principais constantes políticas da actividade dos comunistas portugueses. Daí que, tal como no passado, também depois do 25 de Abril sempre tenhamos dito que não seria só o PCP, não seriam os comunistas sozinhos que haveriam de destruir todos os resquícios do fascismo, construir a democracia e abrir as portas para o socialismo. Vanguarda organizada da classe operária e dos trabalhadores, o PCP não pretende nem nunca pretendeu substituir-se às massas — emana delas. A nossa força no presente assenta nas mesmas razões e alimenta-se nos mesmos princípios que nos deram força no passado.

É por tudo isto que a Festa do "Avante!" será muito mais do que a festa do nosso jornal, será mesmo mais do que a festa do nosso Partido. A Festa do "Avante!" — e quem conhece o seu programa e, principalmente, quem nela participar claramente o verificará — será uma grande festa de unidade, uma grande festa de todos os portugueses que, com determinação e firmeza, mas também com alegria e confiança, estão verdadeiramente empenhados em defender as conquistas da Revolução, construir a democracia e caminhar para o socialismo.



## PEQUENAS FESTAS QUE ANUNCIAM A GRANDE FESTA QUE SE APROXIMA

• A Grande Festa Popular da Organização do nosso Partido na IV Zona (freguesias do Alto do Pina, Arrolas, S. João, Penha de França, São João de Deus e Santa Engrácia) realizada na passada sexta-feira à noite, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, reuniu mais de setecentas pessoas. No canto livre participaram, além de Fernando Farinha e de Joaquim Pessoa, o Grupo de Teatro Ensaio, que interpretou uma peça sobre os trágicos acontecimentos no Chile, um grupo musical da UJC e o grupo «Trovante».

• Em Santa Iria da Azóia cerca de mil pessoas participaram na Festa-Comício sobre a Festa do "Avante!". O camarada Dias Lourenço interveio, analisando a actual situação política e debruçando-se sobre o significado da Festa do "Avante!". Um Grupo de Teatro e uma sessão de canto livre, acolhidos com grande entusiasmo, completaram o programa.

• Na Sociedade Arrentelense, em Arrentela, o camarada Dias Lourenço foi saudado com grande carinho numa sessão de esclarecimento cujo tema central incidiu sobre a Festa do "Avante!".

um acontecimento no qual se deseja a participação de todos os antifascistas e democratas sinceros.

• Também no Arsenal da Marinha no Alfeite, o camarada Dias Lourenço interveio abordando questões da política actual, problemas dos trabalhadores e destacando a realização da Festa do "Avante!" como um grande encontro de solidariedade, uma grande festa unitária e popular.

• Foi divulgado já o horário do comboio especial organizado pelo Comité Local do Porto para a Festa do "Avante!". A partida da estação de Campanhã está prevista para as seis horas da manhã de sábado, dia 25. O regresso será no final da grande Festa do "Avante!" pelas duas horas da madrugada de segunda-feira, dia 27 de Setembro.

Embora já se encontrem inscritos na viagem cerca de 600 camaradas e simpatizantes do nosso Partido, todos os interessados devem efectuar rapidamente a sua inscrição nas sedes do nosso Partido no Porto.

• Camaradas de Bateizão, terra de luta,

enviam-nos uma carta onde anunciam a sua participação na Festa do "Avante!". Esperamos, pois, uma presença vasta

de camaradas, amigos, comunistas e outros democratas desta terra alentejana de fortes tradições revolucionárias.



Alegria e entusiasmo na Festa da IV Zona



Música jovem para gente de todas as idades na Festa em St. Iria de Azóia